ANO 16.º LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1936 N.º 4953

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A propósito da proxima ida ao Brasil do sr. dr. João de Barros por convite dos intelectuais da nação amiga e fraterna, escreve A Informação:

«João de Barros, é uma personalidade, impar entre os que no estrangeiro tão generosamente se afirmam amigos do Brasil. Nenhum outro é mais eficiente, nenhum outro o iguala em desinteresse, em dedicação e na soma de serviços prestados á nossa Patria.

Em todos os postos, nas letras e na politica, por ele perlustrados, soube a todas as horas, com raro tacto, demonstrar-nos o seu intenso bem querer. Quando, certa vez, a confiança de um grande partido o forçou a aceitar o cargo de ministro dos Negocios Estrangeiros, o seu primeiro pensamento foi para nós, em intenso desejo de resolver com a maior sinceridade multiplos problemas pendentes de solução e de relevancia indiscutivel para os interesses brasileiros.

No Itamaraty, em seus arquivos, existem copiosos documentos do decidido empenho de João de Barros em desenvolver dentro de bases praticas uma politica da mais alta projecção para o futuro, pois, consolidando as conquistas mutuas já alcançadas, abriria novos horizontes a uma aproximação que ele sempre ideou e capaz de encontrar um só caminho, onde acima do espirito de concorrencia, de predominio ou de impossivel tutela, e respeitadas todas as tendencias, brasileiros e portugueses se dessem as mãos e seguissem unidos, para os seus sagrados e radiosos destinos.

Em longos trinta anos, como acentua o convite de nossos patricios, João de Barros foi, sem fadiga, um poderoso, um vigilante amigo do Brasil.

Devemos-lhe um rosario de favores não esquecidos. Justo é, portanto, que seja indisivel a nossa alegria quando se nos oferecer o ensejo de abraça-lo.»

E' possivel que o sr. dr. João de Barros parta, no proximo mês, para o Rio de Janeiro donde seguirá para Santos S. Paulo e outras terras onde a sua passagem será acolhida com o maior entusiasmo pela obra de aproximação luso-brasileira em que se tem empenhado.

* * *

O sr. Luiz de Oliveira Guimarães iniciou a publicação dum documentario da vida internacional, com o titulo de Babel, *de que já sairam dois numeros.*

Seleccionando trechos do que se escreve sobre os mil aspectos da vida contemporanea — factos, principios, idéas e impressões—dá-nos uma imagem muito proxima da alma multitudinar, nos diversos paises. Porque se trata realmente duma revista interessante, digna de aplauso, estamos certo de que o publico a ha-de ler com muito proveito e aprasimento.

Notas criticas sobre o desporte

Peço licença para oferecer, sem pedantismo doutoral, mas com discreta humildade de estudioso que sabe que pode errar, algumas notas criticas sobre o desporte. Elas aí vão.

Primeira nota: não confundamos *desportista* com *espectador de desporte.* Muito jovem luso julga-se desportista só porque sempre está presente, como espectador que paga o seu bilhete e dá palmas, a toda e qualquer prova; porque assina revistas graficas e adquire substanciosos livros; porque soletra de cór, e com genuflexo respeito, os nomes faiscantes dos campeões mundiais. Mas reparemos: o desportista não é espectador; é *actor.* Não está nas bancadas; pisa a arena e anda nos cornos do toiro. Quando muito, dir-se-á que o espectador do desporte auxilia a existencia do desportista; é «dama de honor» que ilustra o cortejo real. Mas pode ser-se espectador de desporte e não-desportista, até anti-desportista. O espectador não raro é um *quietista* sensual que busca apenas no desporte um pretexto comodo, facil, de desenfadamento. Gosa vendo e palmeando o fugitivo nadador, mas não sabe nadar nem busca sabê-lo. Foge da agua, e teme-lhe a côr, o brilho, a frescura.

Não se objecte que o espectador se *identifique* com o jogador; que joga nele e com ele, por isso que o amante, «em virtude do muito imaginar», se transforma no amado. Não! O jogador... é o que joga, o espectador... o que olha. O espectador é não raro o *cábula,* ou o *iluso,* do desporte; finge, ou julga sinceramente, que faz parte da grei desportiva. Mal de uma cidade onde em 100 por cento de habitantes só 10 por cento jogam e 90 por cento sempre assistam. Se não me iludo, o espectadorismo que para aí vemos aquecer toda uma juventude curiosa deve ser «ponto de partida» para o desportismo. O essencial é transformar cada *espectador* (depois dum prévio noviciado fisico-cientico) em *jogador* (o que não quere dizer que o segundo pressuponha a supressão do primeiro). Ter «entusiasmo» pelo desporte é viver o desporte na alma e na carne, isto é, amá-lo. Ora o verdadeiro amor, ainda o divino, ambiciona a *posse,* a união fruitiva; não se limita a uma esteril e distante atitude espectacular...

Segunda nota: Eis um êrro grave: «todo o desportista deve buscar vencer o campeão». Mas isto é confundir desportismo com atletismo. O desporte é orgão instrumental de valorização psico-fisica, individual e colectiva. O desporte existe para o homem, e não o homem para o desporte. Cada desportista constitui um *problema pessoal,* um caso, por assim dizer, *clinico.* O desporte (que é apenas um dos belos ramos da educação fisica) deve, para ser vivificante, partir das *necessidades concretas* e das *possibilidades reais* de cada individuo em particular. Por outras palavras, temos de realizar, com sagacidade, a *individualização do desporte,* como se faz a individualização da pena e a individualização terapeutica. Assim como o traje é «função» do corpo que o veste, o desporte deve ser «função» do jogador que o pratica. *Não ha desportes; ha desportistas.* O verdadeiro desporte é sempre cientifico-experimental; pressupõe o conhecimento exacto de certas leis bio-psiquicas e a *adequação* harmonica de varios meios tecnicos a determinada realidade humana *individual.* A rã da fábula estoirou, porque se deixou seduzir pela miragem do atletismo «bovino». Quanto jovem luso a fazer de rã! E quanto a estoirar como ela! O desporte para varios jogadores dir-se-ia, não deusa de razão clara e vontade recta, mas Moloch desvairado ao qual temos de ofertar, para regalo da sua gula pançuda, corações dilatados e pulmões tisicos. Desportistas não significa, necessariamente, atleta. O verdadeiro atletismo — o são e o belo — surge do desportismo como *expansão natural.* E ainda aqui frizemos que não só o atleta é sempre caso individual, fruto de certas condições biologicas, mas tambem que o atletismo pressupõe equilibrio organico *total.* Se todo o moço, depois de *orientado* e *preparado* fisicamente, pode e deve ser desportista, nem todo o desportista pode e deve ser atleta.

E as outras notas? Ah, isto não vai, e para quê? a matar. Façamos pousada na curva do caminho, e inspirando o ar orvalhado e cheiroso da manhã, preparemo-nos para a jornada do proximo artigo.

Coimbra.

SILVIO LIMA

O paquete «Queen Mary» conquistou a «Flamula Azul», batendo em velocidade o «Normandie».

Os dois poderosos transatlanticos servem de exemplo a tantas nações que para fazer um seculo demoram cem anos, quando, graças ao ritmo modernissimo das descobertas e conquistas, isso se pode conseguir em muito menos tempo.

Uma tartaruga em marcha gasta um dia para vencer um quilometro, ao passo que um automovel não gasta sequer um minuto.

E' de prever que a pouco e pouco a nossa vida passe de estatica a dinamica, e em tal hipotese dez anos vividos a galope corresponderão a dez seculos, sub tegmine fagi.

Não sabemos o que poderá acontecer ao chamado coração humano, mas tudo leva a crer que envelheça repentinamente, como os pobres que á porta dos conventos suplicam:

—«Uma escolinha, por amor de Deus...

—«Uma esmolinha, por amor de para não morrer ao abandono, á beira das estradas percorridas por veiculos, a 300 quilometros á hora. Com as corridas loucas, não ha tempo sequer para entreabrir os labios e ciciar:

—Correr, voar para o Infinito e sentir-te a meu lado, doce laço duma vida que se esvai em fumo...

* * *

MUSSOLINI continua a grande tradição da diplomacia italiana. Do seu discurso de ontem, especialmente pronunciado para anunciar proximas directrizes da politica externa de Roma, é dificil tirar conclusões sobre as intenções verdadeiras do Duce. Este quasi se limitou a cantar o louvor da sua força e a dizer que saberia usar dela no momento proprio.

Recordando os nomes ilustres do constitucionalismo italiano, não nos parece dificil encontrar entre eles e Mussolini um proximo parentesco, quando uns e outros tratam de defender o egoismo sagrado de Roma.

O Duce aparece-nos no tempo, como o prolongamento logico e natural de San Giuliano, de Tittoni, de Salandra, de Sounino.

A Italia, incompreendida pelos homens que negociaram a paz, preparou prudentemente a sua desforra. Ela saberá acautelar o futuro em nome do interesse nacional, na continuidade historica do maquiavelismo adaptado ás necessidades do tempo.

E' esse o segredo maior que Roma deixa pressentir, quando o chefe do povo italiano afirma alto o seu desejo de assegurar a Paz e, ao mesmo tempo, a sua capacidade para mobilizar oito milhões de soldados.

* * *

FOI reconduzido por mais três anos no lugar de auditor do 1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa, o sr. dr. Beça de Aragão.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS

Espectaculos

Atrás do reposteiro

Tendo sofrido, ontem, novo adiamento a revista popular «O' Graxa!» estreia-se, definitivamente, no Apolo, na noite da proxima quarta-feira, em duas sessões, ás 20 e 45 e 23 horas. Já com toda a sua montagem completa e absolutamente afinada nos seus 2 actos e 18 quadros, nos quais intervem como «compère» (Patacho), o grande actor comico Nascimento Fernandes, que foi já o criador do «Savalidade», na revista «O' da guarda!»; «O Lagarto», no «Sonho Dourado» e «O Salmonete», no «Chico das Pegas», peças de grande renome, representadas no popular teatro da rua da Palma.

—A estreia no Variedades, da revista «Arre, burro!» efectua-se na proxima quinta-feira, 3, em duas sessões, reaparecendo nesta peça e neste teatro, querida vedeta de popularidade Beatriz Costa, num elenco constituido pelos seguintes artistas: Filomena Lima, Josefina Silva, Virginia Soler, Herminia Silva, Maria Brazão, Elvira de Figueiredo, Zita Trindade, Lina Tavares, Vasco Sant'Ana, Antonio Silva, Santos Carvalho (Ricardo), Barroso Lopes, Artur Rodrigues e Mario Fernandes; as bailarinas Mafalda e Deubner e 26 «girls» portuguesas, discipulas de Piero.

—Faleceu no Rio de Janeiro, o secretario teatral José Leonardo de Morais, português, que ultimamente exercia as funções de representante do proprietario do teatro Republica, naquela cidade, o emprezario sr. João de Oliveira, residente em Vila Real de Trás-os-Montes.

—Encontra-se de luto pelo falecimento de seu tio materno a «girl»-bailarina Maria Leonilde de Queiroz.

—O novel escritor Cristiano Lima tem concluida outra peça, com destino ao teatro Nacional, onde se estreou na ultima epoca, intitulada «Orgulho».

—Estão trabalhando no teatro Maria Pia em Leiria, as irmãs Luzi e Deolinda Sayal, que continuam a sua «tournée» por praias e termas.

—O actor Bettencourt Ataide projecta realizar uma «tournée» pelo país com uma companhia musicada da qual será primeira figura a actriz Auzenda de Oliveira.

—Lina & Salvador (Lina Duval e Eugenio Salvador), os bailarinos portugueses da companhia Maria das Neves, realizam esplendidos bailados, todas as noites, no Maria Vitoria, na revista «Feira de Agosto», entre eles o «baile romantico», impagavel de graça.

—Dentro de dias partirá para Cacia, em gozo de ferias, o escritor teatral Amadeu do Vale.

—Outro artista que na proxima temporada vai ao Brasil numa companhia de revistas é o actor-comico Santos Carvalho (Ricardo) que no Rio de Janeiro e S. Paulo goza de grande popularidade.

—Terminaram ontem, no Politeama, os espectaculos da Sociedade Artistica que esteve explorando este teatro.

—O escritor portuense Arnaldo Leite vai concluir na sua quinta, no Douro, a peça popular a «Catraia do Bolhão» e que Mirita Casimiro interpretará no Sá da Bandeira, do Porto, no proximo inverno.

—Regressou da Curia a grande actriz Palmira Bastos que, no dia 7, começa ensaiando no Trindade a peça «Dama e Senhora», na qual vai interpretar a protagonista, dirigindo tambem os ensaios.

—Partiu hoje para o Porto o empresario teatral Antonio de Macedo.

Programas de hoje

ODEON Telef. 2 6283 — Voando para o Rio de Janeiro
A's 21 e 15

PALACIO — A volta ao mundo em 80 m.
A's 21 e 30 — Telef. 4 7163
Os cartões de convite com 50 0|0 são validos todos os dias, de tarde e á noite, nos 2 cinemas, excepção aos domingos.

CAPITOLIO — Os ultimos dias de Pompeia — Sejamos optimistas
Preços populares

PAVILHÃO PORTUGUÊS — Gosto de todas as mulheres — A mascara do outro

ROYAL — A alegre divorciada — Combate sem treguas
Telef. 45037 — ás 21 e 15

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Em Rio Tinto não se disparou um tiro

A zona mineira regressa á normalidade

(Do nosso enviado especial)

HUELVA, 28.—As aldeias da serra que á chegada dos nacionalistas pareciam aldeias mortas, abandonadas, desoladas, voltaram a animar-se.

Regressaram os que puderam para o trabalho das minas, já concertado com as autoridades nacionalistas e com a empresa inglesa. E as mulheres de Nerva e Rio Tinto já assomam ás rejas estreitas das suas casas pequenas quando passa a camioneta de Huelva, cujo serviço já foi tambem restabelecido. E' a vida que volta, operando um dos muitos milagres que se registam nestes casos de terras que ontem eram de fogo e sangue e que, hoje, após o pesadelo, regressam á tranquilidade que parecia havê-las abandonado para sempre.

Da tempestade poderiamos relatar horrores, reeditando nesta hora bonançosa aqueles que tantas vezes foram já contados: perseguições, a prisão, algumas vezes nas igrejas que depois ardiam com os prisioneiros lá dentro, quando este não eram fusilados junto ao cemiterio. Um *cliché* tão semelhante sempre que parece obedecer a um plano geral, preconcebido. Ensinaram-lhes a usar do terror como arma para vencer, e eles, mais obedientes que barbaros, lançaram-se na loucura feroz a que correspondeu a repressão dura. Enterrados os mortos, saradas as feridas dos vivos, ficará de tudo uma lição que deve aproveitar a todos.

Ampliando o que já escrevemos, acêrca da conquista do Rio Tinto, podemos acrescentar que a coluna do comandante Redondo havia saído da Aracena, amavel estancia de verão de D. Luiza de Orleans, em direcção a Campo Frio. A' frente iam os «requetés», precedidos de cavalaria, batendo os montes. Pouco antes de Campo Frio surgiu um grupo de mineiros, em fuga, buscando a protecção dum pinhal. A artelharia dispara os primeiros tiros, auxiliada por um avião que deixa cair algumas bombas. Foi o bastante para que na aldeia hasteassem bandeiras brancas. A entrada faz-se entre aplausos. Do Carcere haviam saído já os presos que os mineiros libertaram antes da fuga, para evitar maiores castigos de que já têm noticia. Da igreja restam as paredes, como de quasi todas as da serra.

Em Campo Frio fizeram alto as forças nacionalistas que, no dia seguinte, após a missa de campanha, saiam para atacar Rio Tinto, onde constava estarem refugiados dez mil mineiros, dispondo de muitas bombas que haviam manipulado, de camiões blindados, de dez metralhadoras e de duzentas espingardas que pertenciam á Guarda Civil.

A coluna avança devagar. O comandante Redondo vai ordenando a ocupação dos pontos estrategicos, registando as pontes e o terreno, tudo com prudencia e serenidade.

Caminhando sempre, chega-se a Dehesa e Salvochea, as casas das duas povoações e os pinhais que as rodeiam.

Ao lado da alameda trôa um canhão. Deve ser a coluna que vem por Huelva.

Ao calor da vespera sucedeu um dia enovoado, agradavel mas prejudicial para a visão.

Em redor de Debesa, em toda a estrada, infinidade de cartuchos de dinamite, enterrados na terra, preparada a explosão que os soldados evitam cautelosamnte. Para a colheita dos cartuchos contribuem os bons camponeses, andaluzes amantes da terra que não é a da maioria dos mineiros que de longe vieram. Serrano, o popular fotografo sevilhano, sempre na vanguarda, descobre numa vala a bateria electrica que faria explodir a dinamite, no momento preciso da passagem da coluna. A mão que havia de mover a bateria desapareceu com os fugitivos.

Em Debesa surgem bandeiras brancas. E a coluna avança sempre. Os homens são revistados, e alguns ficam presos. Guardas Civis e de Assalto correm ao encontro dos nacionalistas, dando «vivas» á Espanha.

Em Salvochea foram mortos vinte direitistas, sendo queimadas as suas casas. E os mineiros levaram consigo dois cabos da Guarda Civil, como refens.

Em Rio Tinto já flutuam bandeiras bi-colores. E as minas famosas, ultimos redutos dos mineiros fantasmas, são tomadas sem necessidade de se disparar um tiro mais.

O entusiasmo é enorme. Aqui em Huelva está-se em festa.

O governador civil, de regresso de Rio Tinto, onde foi dar instruções para a pacificação, e depois de haver almoçado em Valverde del Camino com o comandante Alvarez Renteria, teve entusiastica recepção, ao som dos hinos da Falange e de Requetés, que tão valentemente colaboraram na ocupação das minas.

Os onubenses aplaudem, e olham com simpatia «balilas» e «pelayos», os garotos da Falange e de Requetés, os homens de amanhã.

E na festa não falta a nota feminina dalgumas belas fascistas, risonhas, coquetes, mulheres sempre e até na guerra.

Perdoem os leitores a nota piegas, e a pieguice da cronica que não é precisamente de guerra, mas, nós não temos culpa de que a tomada das minas de Rio Tinto fosse feita sem necessidade de no proprio local, haver que disparar um unico tiro.

Bem como não tivemos culpa de no ultimo dia do bombardeamento aereo de Cordova haver caido uma unica bomba.

Para o cronista será pouca sorte: para o homem de carne e osso, é ter muita sorte.

Não fora o calor, não teriamos de que nos queixar. Festa em Sevilha, festa em Cordova e festa nesta cidade de Huelva que, de ponta a ponta, vibra agora ao som de «vivas» a Espanha, «vivas» correspondidos por todos porque, lá diz a quadra:

«Quien oyendo un viva a España
con un viva no responde,
no es hombre no es español,
y si es español, no es hombre.

ROGERIO PEREZ

Desastre com arma de fogo

COIMBRA, 31. — *(Pelo telefone)* — O conhecido empresario teatral sr. Antonio Mendes de Abreu foi vitima, hoje, de um desastre com arma de fogo, no escritorio do teatro Avenida.

Deu entrada, em estado grave, no hospital da Universidade, onde lhe fizeram uma transfusão de sangue.

CASINO ESTORIL

PROGRAMA DA SEMANA
Cinema ás 21 e 30

Segunda-feira, 31.—«O homem que reclamou a cabeça».
Terça-feira, 1.—«A Canção de sempre».
Quarta-feira, 2.—«Pege do meu coração».
Quinta-feira, 3.—«Sinfonia Hungara».
Sexta-feira, 4.—«Rei sem roque».
Sabado, 5.—«Basta de mulheres».
Domingo, 6.—«Alegre divorciada».
Todas as noites musica de baile pela orquestra Portugal.

BOLSAS

CONTADO
31 de agosto

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3|4 1934..	1.178$00	1.177$00	1.179$00
Consolidado 5 1|2 0|0 1933	1.119$00	1.118$00	1.120$00
» 4 1|2 0|0 1933		—	—
» 4 0|0 1934 ..	993$00	—	—
Externo 3 0|0 1.ª Sér. ...	1.755$00	—	—
» 3 0|0 2.ª » ..	—	—	—
» 3 0|0 3.ª » ..	—	1.750$00	1.770$00
Emp. 4 1|2 0|0 1912 ouro	—	2.200$00	2.250$00
» 6 1|2 0|0 1930-Cons.	508$50	508$50	—
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	450$00	455$00
Lisboa & Açores, port..	—	385$00	390$00
Portugal, portador......	—	—	—
Espirito Santo..........	—	670$00	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	925$00
Fidelidade..............	—	—	—
Mundial	202$00	200$00	203$00
Nacional................	—	—	—
Sagres	—	1.050$00	—
Tagus...................	—	950$00	1.000$00
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.........	—	55$00	—
» » privilegiadas	—	16$00	18$00
Aguas de Lisboa, port..	—	245$00	260$00
Cerveja Estrela	—	345$00	360$00
Cimentos de Leiria	—	—	
Credito Predial	20$50	20$50	21$50
Gaz e Electricidade.....	306$00	306$00	306$50
Portugal e Colonias.....	62$00	62$00	62$50
Navegação	81$50	81$50	81$60
Portuguesa de Pesca....	—	255$00	258$00
» de Tabacos.	399$50	399$00	399$50
Tabacos de Portugal....	—	360$00	375$00
Tabaqueira	—	—	
União Electrica Portug.	—	—	239$00
COLONIAIS			
Açucar de Angola.......	383$00	382$00	384$00
Busi — 1.ª Emissão	34$50	34$20	34$50
» — 2.ª	—	—	—
Ilha do Principe	370$00	370$00	372$00
Obrigações			
C. P. 6 0|0	337$00	335$00	338$00
Prediais 6 0|0 — 1932.....	—	—	91$50
» 7 0|0	111$50	111$00	112$00
União Elect. Port, 7 1|2.	-	—	120$50
Busi 9 0|0..............	116$00	115$50	117$00
» 6 1|2 0|0..........	109$00	108$50	109$50

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 — RUA S. JULIAO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres..........	110$00	110$20
New-York	21$86,6	21$90,5
Paris	1$44,0	1$44 2
Berlim	8$79,6	8$81,2
Madrid	2$69.9	2$70 4
Amsterdam	14$84 9	14$87,6
Bruxelas	3$69,1	3$69,8
Roma	1$72,0	1$72.3
Zurich...........	7$12,8	7$14,1
Praga............	$90,3	$90.5
Rio de Janeiro....	1$27,5	1$27,7
Libra ouro	—	—

Eleições em França

AJACCIO, 31 — Resultados das eleições. Eleitores, 26.418; votantes, 16 198; sufrágios expressos, 16.101; eleito, Adolphe Landry (radical-socialista) por 8219 votos. Freyssinet, da Acção Social, obteve 7.866 votos. (Havas).

Temporais no estrangeiro

LONDRES, 31 — Informam de Soul á "Reuter„: Anuncia-se oficialmente que o tufão que passou ao sul da Coreia, já noticiado, fez 1104 mortos e 1028 feridos. Desapareceram 426 pessoas. — (Havas).

Calçados
QUASI DE GRAÇA

Na Sapataria "COIMBRA, SUC.s", rua da Carmo, n.os 76 e 78, por motivo de obras e instalações da NOVA SAPATARIA PELICANO, liquida-se toda a existencia aos preços de:

Para criança, desde.......... 10$00
» senhora, » .... 25$00
» homem, » .... 40$00

O "Queen Mary"

bateu dois "récords"

LONDRES, 31—O paquete gigante «Queen Mary» chegou hoje a Southampton, concluindo assim uma viagem completa aos Estados Unidos e volta. O paquete bateu dois «récords» de velocidade, um á ida e outro á volta. Esta ultima fez-se em 3 dias 23 horas e 57 minutos, á media de 30,63 nós, entre o farol de Ambrosio e o Rochedo do Bispo. A viagem completa de Nova York a Southampton fez-se em 4 dias e 27 minutos, ou seja 30,14 nós de velocidade. Como se sabe era o «Normandie» que detinha a «Flamula Azul» que passa assim para um barco inglês.

O estabelecimento deste «récord» causou sensação.—(Havas).

Homenagem ao sub-chefe Flores

da Policia Maritima

Completa amanhã 3? anos de bom e efectivo serviço o sub-chefe da Policia Maritima que é actualmente o funcionario de Policia, tanto de terra como de mar, mais antigo. O sub-chefe, sr. Manuel de Jesus **Flores**, serviu na antiga Policia Judiciaria, então dirigida pelo falecido conselheiro Francisco Maria da Veiga.

Na sua larga folha de serviços conta muitos louvores e tem exemplar comportamento.

Realiza-se brevemente um almoço de homenagem a este exemplar funcionario.

37º,9 á sombra em Vila Real!

VILA REAL, 31 (Pelo telefone) — Continúa a vaga de calor a assolar esta região em prejuizo da agricultura.

Ontem, foi o dia mais quente do ano. O pôsto meteorologico do Liceu Central desta cidade registou a temperatura maxima de 37º,9 á sombra. Não ha memoria de calor tão intenso.

Os vinhedos, que este ano têm uma produção deminuta, estão a secar bastante, em consequencia da estiagem.

Os naufragos de "Santa Luzia"

PORTO, 31. (Pelo telefone)—A bordo do paquete «Orem», regressaram a esta cidade 22 naufragos do lugre bacalhoeiro «Santa Luzia», que ha tempos se afundou na Terra Nova.

O tratado naval de Londres

TOQUIO, 31—Consta que o governo japonês responderá dentro em breve ás notas angloamericanas relativas ao novo tratado naval de Londres.—(H.)

A viagem de Goebbels

VENEZA, 31—O dr. Goebbels partiu de avião para Berlim ás 11 horas.—(Havas)

"RAJÁ"

Uma meia de sêda pura

(sêda animal)

tão fina . . .

tão transparente . . .

que é uma autentica espuma de sêda!

Casas de venda exclusiva

Loja das Meias — ROCIO.

A Pompador — CHIADO

Clinica da Trindade

Consultas das especialidades por medicos especialisados.—Agentes fisicos.—PARA A CLASSE MÉDIA. Maximo confôrto. Minimo preço.

R. DA TRINDADE, 12, 1.º — Tel. 24124

BAUDELAIRE

O outro dia, a Pierre Mille se pregutava (tambem lá... faz lembrar a querela brasileira, troçada por Graça Aranha, do provinciano preocupado quem é maior, Castro Alves ou Gonçalves Dias...) qual o maior poeta de França. O humorista refletiu, e respondeu, seriamente. «*Helas*, Victor Hugo!». Apesar de tudo... E parece que assim é, porque o ano passado, celebrando-se o seu cincoentenario, meio seculo em que se teimou em não lhe pronunciar o nome, vingando o seculo que ele nos obrigou ao admirar quando o cortejo oficial entrava ao Panteão, estudantes de direito saíam da Faculdade, defronte, e, investindo contra uma carrocinha de queijo Gervais, que passava, esvasiaram-na, sujando as grades do monumento, aos gritos bárbaros:

—*Gervais au Pantheon! Gervais au Pantheon!*

Paul Valéry pôde comentar: «Se Hugo promove tais manifestações ainda, é que não morreu... Ele viverá...»

Em França esse primeiro lugar, de maior poeta, é muito controvertido. Cronologicamente ha o clássico humanista, Ronsard... Enfim, *Malherbe vint*, o homem que deve a fortuna a um erro tipografico:

Et Rosette a vécu ce qui vivent les roses

tornado em

Et Rose elle a vécu ce qui vivent les roses
L'espace d'un matin...

Ha o semi-deus Corneille. Ha sobretudo Racine, o poéta que, num verso, fez uma arte poética:

Je fais difficilement des vers faciles...

Ha sem contestação, primeiro entre todos, La Fontaine... Lemaitre concorda, para entretanto perguntar:—Mas porque foi êle escrever fábulas? Por isso mesmo, são poemas eternos, de simplicidade e de universalidade:

Je me sers d'animaux pour ensigner les hommes

Ha Chénier, o ultimo dos classicos. Ha Lamartine uma sensibilidade nova, que nos deu o gosto das lagrimas. Ha Vigny, distante e solene. Ha Musset, a musica implicita nas palavras. Ha Théophile Gautier, as côres nos ritmos. Ha Leconte de Lisle, orgulhoso e hieratico. Ha Verlaine: *la musique avant toute chose*... Ha, para os extravagantes, os charadistas, Malarmé, Valéry...

Mas ha, acima de todos, Baudelaire... Porque? Não é tão alto como Hugo, tão intimo como Lamartine, tão brilhante como Heredia, tão musical como Verlaine, tão hermetico como Malarmé... mas é entretanto, o mais raro, precioso, original, complexo poeta francês... Porquê?

Porque sua poetica, sem escola, pertenceu a todas as escolas da inspiração. Foi classica, pela perfeição da lingua, comediante dessa inspiração. Como Racine, dizem que Baudelaire escrevia em prosa os seus poemas e depois os verificava: dava ao vôo uma direcção; ao movimento, uma economia. Entretanto, o conteudo emocional das imagens romanescas fa-lo um romantico:

Tes yeux sont le ci terne ou boivent mes ennuis mas é tambem naturalista, pela extravagancia e crueza dos assuntos... á *Carniça* não nos esquece... E este verso o diz, entre cem outros:

Le froide majeste de la femme sterile...

Mas é um parnasiano, pela hieratica solenidade escultural de certos poemas e sugestões...

Je hais le mouvement qui déplace la ligne...

Finalmente, é simbolista pela sugestibilidade musical e imprecisa de tantos outros versos e poemas:

Les parfuns, les couleurs et les sons se repondent...

E' tudo por tanto. E é ainda mais. E' um homem, não como outros homens, porem como *todos* os outros homens. Baudelaire foi o seu tempo e foi todos os tempos, poeticamente. Refletiu a angustia, a inquietação, o mal-estar de seu tempo, sua geração cansada e sem esperança... Volvendo-se alternativamente para todos os quadrantes do espirito, cantou para essas direcções, em vão, sem resposta á sua aflição... Por isso, resumindo-o, um verso de Musset define-o, miraculosamente:

Ces plaisirs sans bonhur tous pleins d'um vide immense...

Isso foi Baudelaire, como foi o homem do seu tempo, depois de 70, antes do outro seculo, o da Guerra, e do caos, depois dela... Mas isto é contigente, é transitorio, com a vida efêmera... Mas ha a vida eterna. Ha todas as cordas da lira. E Baudelaire, total, continua. Porque?

Porque a idéa, todas as idéas, juntou-as na forma... Nós matamos a forma; nós fizemos da poesia prosa e a prosa, disse um dos seus martires—*n'est jamais finie*...—Disse-o o Baudelaire dessa prosa, Flaubert. A moderna, poetica, sem forma, é inacabada. quando ha emoção, quando ha idéa, não se contem, e apavora-se... Não se retem, esquece...

A forma não é um artefício, uma superfluidade. E' a substancia na sua posição definitiva de equilibrio. A forma é a defesa da essencia á dispersão. Conservação para durar. Corte-se um cristal: na superficie ferida moleculas se desporão para a regeneração cristalina: só assim viverá a substancia, nessa forma, e não noutra. Tire-se a cauda a um lezardo... ele se recomporá, e de novo outra cauda o restituirá na forma inicial, que a vida nele *cristalizou*. Heredia deixou tal soneto inacabado, porque lhe faltou a palavra, exata, que aí caberia... Dorchain conveneu-se que a achara e hoje, sem ela, o soneto é um cristal talhado, é um serviço imperfeito...

A forma é a substancia, preparada para a eternidade. Não ha duas palavras para exprimirem uma idéa, só uma, a que a forma exige. Nos blocos de marmore estão as estatuas, é apenas as desprender do que sobra... Poesia é musica implicita nas palavras com o seu sentido, seu ritmo, seu compasso, sua harmonia, sua rima, sua forma, e não outra. Sem isso não é poesia. E o poeta que não quizer ser assim, é um suicida. Sente, para não ser sentido.

A grandeza de Baudelaire foi essa: o homem, homem diverso, multiplo, de seu tempo e de todos os tempos, que se confessou, a sua sinceridade, a sua espontaneidade, numa forma eterna, a forma que só ela defende a essencia de dispersão e da morte, só ela conserva, para o tempo...

AFRANIO PEIXOTO

A Decoradora

DANIEL FERNANDES—ex-socio gerente da Casa Cunhas, Rua da Prata, comunica aos seus Ex.mos clientes, amigos e a todo o publico que inaugura hoje o seu novo estabelecimento na **Rua da Palma, 140-152**, denominado "A DECORADORA" (antiga Casa Marques Silva & C.ª) onde expõe o mais completo sortido de moveis em todos os generos, estofos, papeis pintados e vitreaux, oleados e passadeiras, maples e divans carpetes, tapetes e capachos para automoveis, toalhas e oleados a metro para mesas. O maior sortido em tecidos nacionais e estrangeiros para estofos e decorações.

Preços sem receio de confronto

ORÇAMENTOS GRATIS

Telefone 2 4674

Curso de ferias em Coimbra

A influencia da obra dramatica de Gil Vicente

No XII Curso de Ferias da Universidade de Coimbra, o sr. dr. Almuzara realizou mais uma interessante conferencia sobre a influencia de Gil Vicente no teatro Castelhano.

O orador começou por dizer que quando Lope de Vega, Calderón e Tirso de Molina manifestavam a sua devoção e simpatia por Portugal não faziam mais do que corresponder á devoção e simpatia que por Castela teve sempre o principe dos dramaturgos portugueses, Gil Vicente.

Pelo que diz respeito á literatura castelhana, disse o conferente, foi tão funda a marca e tão profundo o sulco aberto por Gil Vicente, que sem ele. não se poderia explicar o maravilhoso florescimento do teatro clássico dos seculos XVI e XVII.

A sua primeira obra, o monólogo da Visitação, está escrita em castelhano, e em castelhano foi tambem em parte redigida a sua ultima obra «Floresta de Enganos». Onze das obras que dele se conservam são castelhanas, e castelhanas são tambem, em parte, muitas das restantes.

Gil Vicente não é só escritor bilingue de altos méritos, mas recolhe superstições e costumes espanhois e até, nos textos portugueses, intercala com frequencia romances, vilancicos e canções castelhanas de grande interesse e importancia para a reconstrução do velho romance peninsular.

Duas maneiras ou processos se distinguem claramente na arte de Gil Vicente. Na primeira maneira predomina o chamado estilo pastoril, caracterizado pela influencia de Juan del Encina, e a ela pertencem, além de «Monólogo da Visitação», o «Auto Pastoril» e o «Auto dos Reis Magos».

O teatro de Gil Vicente não é perfeito, mas aproxima-se bastante da perfeição. No drama sagrado não emprega o processo de casos de que tanto abusou Sanchez de Badajoz, mas a simples e eloquente exposição da historia sagrada, ou alguma interessante invenção apropriada para celebrar os ministerios ou explanar considerações morais. E no «Auto da Feira» chega a introduzir personagens mitológicas, o que pode considerar-se como a secularização definitiva do genero.

Pela variedade do seu génio, Gil Vicente está muito mais perto de Lope de Vega que de Encina ou Lucas Fernandez. E o teatro castelhano é-lhe devedor de invenções importantes, como os «Introitos» em que se referem casos de amor e os «Entremezes» intercalados, de vez em quando, e a que ele chama «Passos».

Recordem-se entre outros o de Mofina e Paio Vaz, no Auto da «Mofina Mendes» e o do mercador enganado e o do doutor e a moça no «Floresta de Enganos».

Gil Vicente antecipa a comedia de enredo e o drama heroico.

Tudo isto, com ser muito, não é, todavia, o mais importante. O verdadeiramente importante em Gil Vicente é que ele inicia já a pintura de caracteres, preparando o caminho aos grandes dramaturgos peninsulares do seculo de oiro.

A importancia historica do teatro de Gil Vicente neste aspecto salta á vista.

Outro grande tributo de que o teatro castelhano é devedor a Gil Vicente, é a sua devoção entusiastica pela lirica popular, em todas as suas formas.

A importancia dos cantares e vilancicos do povo no teatro castelhano é tão grande, que muitas vezes um só deles bastará para dar assunto a uma comédia.

Em resumo: Gil Vicente cultivou todos os generos possiveis na sua epoca, dando-nos uma arte dramatica profundamente humana, pois mesmo o seu bucolismo, cheio de aspiração romantica, se encontra penetrado de verdadeiro sentimento da natureza. Gil Vicente tinha o instinto da comédia classica espanhola, e, se tivesse nascido meio seculo mais tarde, teria sido grande poeta comico, digno de ser comparado aos maiores genios universais, como Shakespeare e Cervantes. Tem, no entanto, o merito enorme de haver dirigido os primeiros passos da arte dramatica peninsular e de a ter encaminhado pela estrada da gloria.

Pensão

Liége, nova baixa de preços atendendo a desleal concorrencia das pensões particulares, resolve reduzir os seus preços

Pensão 200$00 e 230$00. Diaria, 8$00; almoço, 4$00; jantar, 4$50, comer até satisfazer. Rua Bica Duarte Belo, 72 e 74, ao Calhariz. Telefone 2 5860.

A GUERRA VISTA DE TANGER

Prevê-se a hipotese dum desembarque

de tropas na zona internacional

se a esquadra espanhola se refugiar em Tanger

(Do nosso enviado especial)

TANGER, 31.—(Por via telegrafica). —Regista-se nos circulos internacionais de Tanger intensa actividade diplomatica. Enviados do governo de Madrid fazem uma activa campanha, por meio da Imprensa, da Radio e de dinheiro com o proposito de revoltar os mouros contra o general Franco.

Ontem apareceram afixados nas paredes manifestos nacionalistas procurando convencer os espanhois residentes na zona internacional de que o movimento militar triunfou em toda a Espanha e que não devem colocar-se ás ordens do governo de Madrid.

Por sua vez, os governamentais fazem uma propaganda contraria. Foram já recrutados 600 espanhois residentes aqui, que partiram a juntar-se ás tropas que defendem Malaga.

Não se conseguiu ainda que o «comité de contrôle» proponha aos Estados Maiores Navais o estudo dum plano de defesa da cidade, no caso da esquadra espanhola se refugiar aqui, se Malaga e outros portos do Mediterraneo cairem em poder dos revoltosos.

Entretanto, a atmosfera internacional carrega-se cada vez mais. Evoca-se o desembarque do kaiser em 1905, quando veio aqui para oferecer o apoio da Alemanha ao sultão de Marrocos contra as pretensões da França. E estabelece-se o paralelo entre esse gesto de Guilherme II e o facto, que pode vir a dar-se agora, dum desembarque de tropas, no caso da esquadra espanhola se refugiar no porto de Tanger, violando assim a neutralidade da zona internacional. Este acontecimento, se viesse a produzir-se, poria em grave risco a paz da Europa. A França deseja que Tanger seja defendida pelo sultão de Marrocos, que tem a sua residencia habitual na cidade de Rabat.

ARTUR PORTELA

N. da R.—Foi em 31 de março de 1905 que ocorreu o episodio historico conhecido pela designação de o desembarque de Tanger, ao qual se refere o telegrama que publicamos acima.

Delcassé, ministro dos estrangeiros da França, ocupando o seu posto durante sete anos, organizara a manobra diplomatica de grande envergadura que devia dar a vitoria militar ao seu país, na guerra mundial.

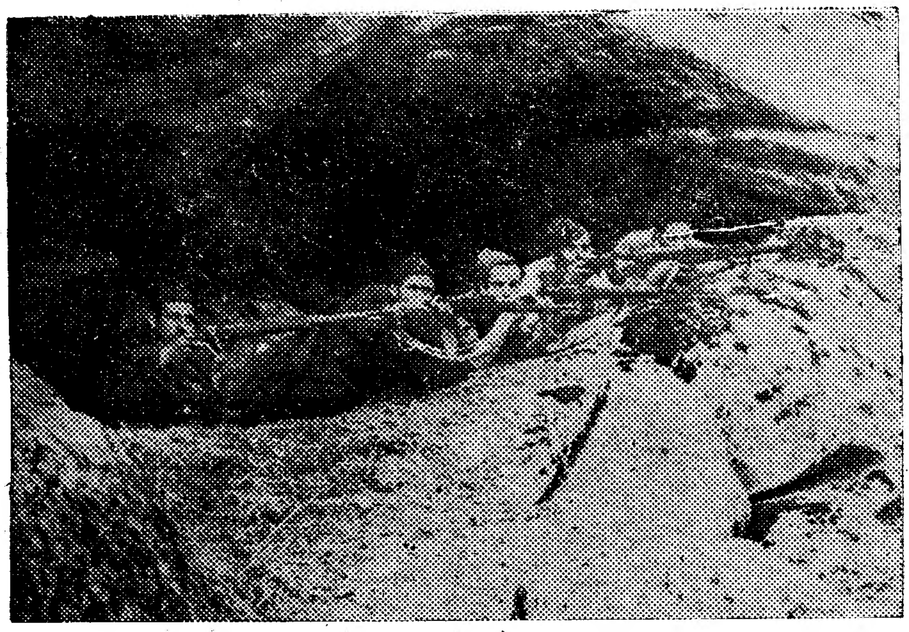
Estreitando as relações com a Russia e dando á aliança franco-russa objectivos concretos pelas conversas dos estados maiores; realizando com a Italia, em 1904, os acordos Visconti Venosta que anulavam a coesão da Triplice Aliança; e negociando com a Inglaterra a Entente Cordiale, o estadista francês dera aos seus compatriotas a probabilidade da vitoria no conflito que todos consideravam inevitavel.

A diplomacia alemã, vendo em Delcassé um perigo de morte, preparou a sua queda. Bulow, cujo talento politico incontestavel não pudera evitar os deslises sucessivos da acção pessoal do Kaiser, ocupava então a chancelaria germanica; da sua iniciativa foi o golpe audacioso que ia provocando, nessa altura, a guerra.

Guilherme II que fazia a bordo do «Hamburgo», um cruzeiro no Mediterraneo, desembarcou inesperadamente em Tanger, onde foi recebido pelo representante do sultão de Marrocos e pelos membros do corpo diplomatico, perante os quais pronunciou um discurso ameaçador. O imperador comprometia-se a garantir a independencia marroquina e a autoridade do sultão, pondo assim, pessoalmente, a sua condenação formal á acção colonizadora da França e a toda a autoridade diplomatica de Delcassé.

A atitude teatral do imperador e as condições ineditas em que ela se produziu, deram como consequencias imediatas a queda do ministro francês, que o seu presidente, Ronvier, abandonou cedendo, assim, ás pressões de Berlim, e a convocação duma conferencia internacional, em Algeciras, para regular a questão marroquina, conferencia que se liquidou com o triunfo para a diplomacia francesa.

As recordações dolorosas, provocadas por este incidente entre os franceses, constituem uma das causas remotas da conflagração europeia.



Emboscados nas grutas da serra, os milicianos nacionalistas fazem fogo

O MOMENTO INTERNACIONAL

O Governo de Londres

vai estudar a situação

LONDRES, 31—Na quarta-feira haverá conselho de ministros, mas não completo, pois varios ministros encontram-se em ferias e bastante longe da capital. Nesse conselho continuará o estudo da situação internacional.

Este conselho marcará, possivelmente, o recomeço das reuniões periodicas e regulares do governo.—(Havas).

A viagem do general Rydzmigly a Paris

PARIS, 31—Os jornais dão grande relevo á chegada a Paris do general polaco Rydzmygly de que apontam a

Por outro lado comentam tambem o discurso de Mussolini em Avellino.

O «Petit Parisien» nota que, mais uma vez, Mussolini afirmou que «estavam liquidadas as velhas contas» e que a Italia está animada da vontade de Paz, embora pronta para fazer face a todos os acontecimentos.»

O «Figaro» declara que o Duce voltou a fazer a afirmação de que a Italia quere agora entregar-se de alma e coração á valorização da Etiopia e viver, portanto, em paz. Isso não impede, que a Italia não tenha saido da guerra mais poderosa e que, se as circunstancias o exigirem, possa pôr em acção um formidavel aparelho militar.

E acrescenta:

«No meio da actual confusão o discurso do Duce inspira-se no desejo de sossegar a opinião quanto aos fins que a Italia quere conseguir e na vontade de não dar apoio a qualquer aventura».

Os jornais comentam ainda o afastamento de Titulesco da pasta dos Estrangeiros da Romania. O «Petit Parisien» ignora o motivo e acha-o inexplicavel. O «Journal» diz que Titulesco era acusado de se ter orientado em demasia no setido de Moscovo e de ser muito duro com os elementos de tendencia germanofila. Para o «Figaro» trata-se de incompatibilidades pessoais e deplora que «nas circunstancias actuais» seja afastado da cena politica internacional um homem de estado de extraordinaria experiencia.—(Havas).

e verificou, a dada altura, que estes contavam com numerosissimos simpatizantes. Os dirigentes serão julgados segundo a lei de 4 de dezembro de 1934, em audiencia secreta. O seu numero é de cinquenta.—(Havas).

NA RUSSIA SOVIETICA

Declarações do ministro dos Estrangeiros da Suecia

ESTOCOLMO, 31.—O ministro dos Estrangeiros, num discurso que ontem fez, chamou a atenção da opinião publica para o julgamento de Moscovo, acontecimento esse que não deixará de ter profunda repercussão entre os comunistas suecos.

«O drama sangrento que teve lugar em Moscovo—afirmou—é um terrivel e inesquecivel aviso sobre a logica do sistema comunista».—(Havas).

Descoberta duma vasta conspiração

PARIS, 31. — O «Matin», a proposito das prisões ultimamente efectuadas na U. R. S. S., escreve que «o governo russo se vê obrigado a exercer acções punitivas em todas as esferas da nossa sociedade russa». Os dirigentes mostram-se impressionados com a descoberta duma vasta organização secreta. A' frente dessa organização encontrava-se Popov Rosenbaum e a conspiração tinha ramificações em Kiev, Karkov, Svipolovsk, Gorki, Leningrado e em Rostov, onde se descobriram bombas. A Policia prendeu grande numero de conspiradores

OS

O julgamento

Os milicianos fascistas

SEVILHA, 29.—Realizou-se hoje
Conselho de Guerra sumarissim
contra os mineiros de Rio Tinto
camponeses doutros locais da provin
cia de Huelva que na manhã de 19 d
julho, um dia depois do pronuncia
mento do exercito, foram presos n
Pañoleta, ás portas de Sevilha, cidad
que se dispunham a dinamitar. O
processados são 68, e das seguintes al
deias: de Peña de Hierro, 6; de Mes
de los Pinos, 1; de Nerva, 24; de Ri
Tinto, 10; de Valverde, 14; de S. Jua
del Puerto, 13.

Dá-se leitura ao processo: dez o
doze camiões—não se pôde precisar-
com quinhentos mineiros e campone
ses armados e com grandes porçõ
de dinamite, chegaram áquele loca
onde foram recebidos por um grupo d
mil Guardas Civis que, colocados d
um lado e outro da estrada dispara
ram contra os camiões, causando
explosão de um deles. Os mineiros
camponeses fugiram, sendo pres
apenas 368 processados, cujas decla
rações são lidas. Coincidem todos n
afirmação de que tomaram lugar n
camiões obrigados pelos deputad
Gutierrez Prieto e Cordeiro Bell, v
rificando que o automovel em q
estes os acompanham ficava par
traz antes de se aproximarem de Se
viha.

Os que subiram em Nerva dizem q
Cordero Bell os empurrou, tendo
mão direita na algibeira do revolver
gritando-lhes que era necessario
ara a frente.

O acusador pediu a pena de mor
para todos, excepto para Manuel R
driguez Mendes, para o qual pediu r
clusão perpetua por ser menor de
anos.

Do *A B C*, de Sevilha, reproduzim
algumas declarações dos processado

Felix Gonzales Chaves, de Peña
Hierro, diz que é empregado do Cas
no Recreativo de Peña e que os ref
ridos deputados o obrigaram a sub
a um camião, ameaçando-o com u
pistola. Quiz resistir e não o deix
ram. Não trazia espingarda nem s
bia se am para Huelva ou para S
vilha.

Juan Silva Pérez: sabado, ás do
da noite, estava á porta do Casin
tomando o fresco, quando Corde
Bell o intimou a subir para o camiã
dizendo que se resistisse, ele e outr
seriam os primeiros a morrer. Lev
ram-nos a Nerva—diz—depois a Va
verde, e em S. Juan del Puerto perc

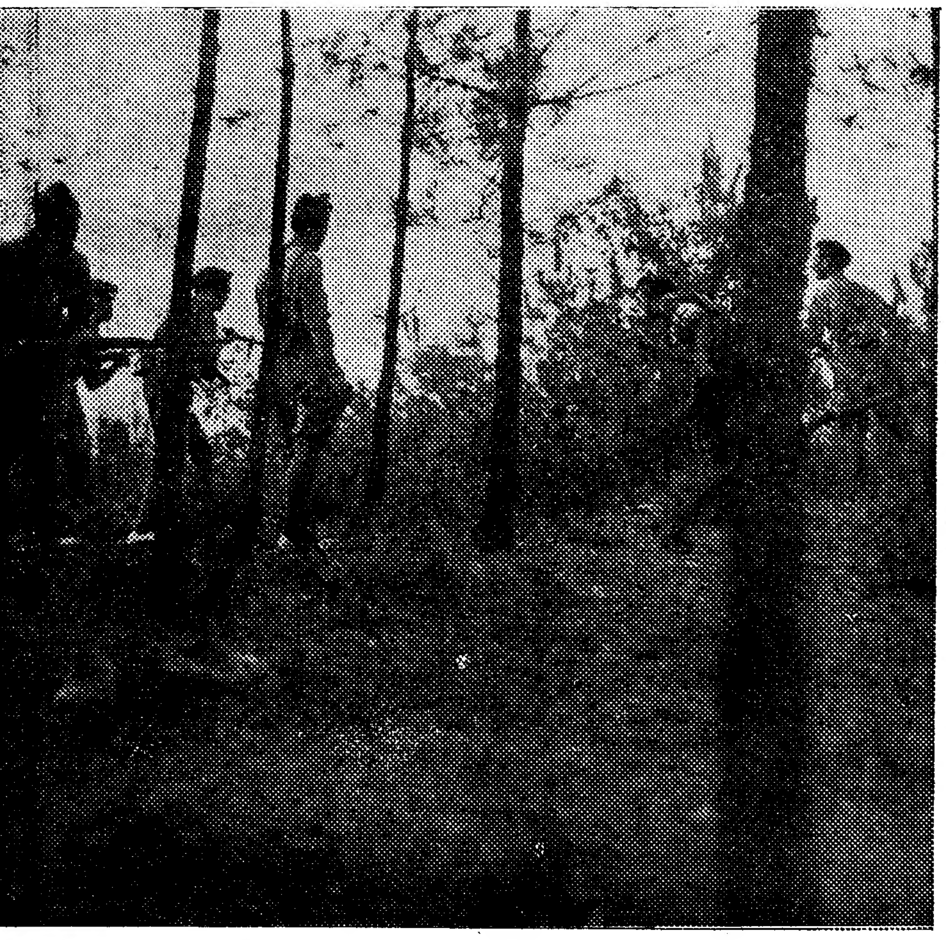
Barbosa & Costa, L.da
Executam as mais lindas e originais
Decorações
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone **23562**

Melão
Para consumo e exportação. Esplendida semente importada de Espanha. Vende-se qualquer quantidade.
Mercado Abastecedor—Armazem n.º 1
Telefone 22503
Sociedade União Agricola, Lda'

MOBILIAS DA GRANJA
Hoje não é dificil mobiliar uma casa com gôsto, economia, conforto, mas para isso, precisa visitar a Casa das Mobilias da Granja C. do Sacramento (ao Chiado)—Lisboa.

MINEIROS DE RIO TINTO

...dos que iam dinamitar Sevilha



...batem o mato em perseguição dos mineiros fugitivos de Rio Tinto

...bemos que em vez de Huelva seguia... mos para Sevilha.

Na Pañoleta poderia ter fugido, mas não o fiz por ignorar ao que vinhamos.

Sou um operario sem trabalho e não pertenço a nenhum partido politico.

Antonio Alonso Martinez, de Nerva: Ia para casa, depois de haver tomado café, quando o obrigaram a subir ao camião. Não pertence a nenhum partido politico e diz que ia ao Casino mas não ouvia a «radio».

José Castillo Rodrigues, de Nerva: estava no Casino jogando ao dominó. Ouvi que ia um camião para Sevilha. Subiu para ir ver um irmão que tem em Sevilha.

Miguel Lopez Gonzalez, de Rio Tinto; estava falando com a noiva quando lhe disseram que tinha que ir á Casa del Pueblo!

Respondeu:

—Para quê, se eu não sou socio?

Obrigaram-no a subir ao camião. Tambem não pertence a nenhum partido politico.

Isidoro Perez Arroyo, de Valverde: Estava a beber aguardente quando viu alguns amigos no camião que vinha a Sevilha, cidade onde nunca havia ido. E aproveitou a ocasião. Não ouvio a explosão na Pañoleta porque tinha um medo tão enorme que se escondeu. Não trazia armas.

Juan Carbonell Quintero, de S. Juan del Puerto: o alcaide disse-lhe que podia ir num camião a Sevilha. Como estava sem trabalho, aceitou para ver se o encontrava no campo.

Manuel Rodriguez Mendez, o menor de 18 anos, de S. Juan del Puerto: o alcaide disse-lhe que em Sevilha encontraria trabalho. E aceitou.

O promotor de Justiça volta a falar para dizer que os acusados vinham destruir Sevilha, convertendo-a num montão de ruinas, visão dantesca que se não pode perder de vista.

Analisa os factos: no dia 18 surgiu o movimento salvador de Espanha.

E o governo de Madrid ordenou ao comandante da Guarda Civil, sr. Haro, por intermedio do general Pozas, «saia para Sevilha, violem as mulheres dos fascistas e destruam a cidade com dinamite».

A coluna marxista foi para tal fim recrutado por Cordero Bell e Gutierrez Prieto. A coluna compunha-se de 490 homens. Na Pañoleta, uns morreram, outros fugiram, os acusados foram presos. A todos deve ser aplicada a mesma pena. Pertencem todos a Sindicatos Marxistas. Todos têm a mesma culpabilidade, pois sabiam trazer armas e dinamite.

O defensor, muito comovido, diz que os acusados agiram por ordens do ministro da Guerra e dos deputados, do governador civil e dos alcaides. Estes são os verdadeiros responsaveis. E termina pedindo clemencia em nome das mulheres e das crianças que na região mineira aguardam a sentença.

O presidente do Tribunal pregunta aos processados, um a um, se têm alguma coisa a alegar em sua defesa. Um declara que a pena não deve ser igual para todos, porque nem todos são dinamitistas. Outro afirma ter vindo a Sevilha para uma aplicação de Raio X.

O Tribunal, depois de reunir para deliberar, condenou á morte os 67 homens.

A sentença não foi executada sem dela ter conhecimento o general Queipo de Llano; mas, a atitude do general em tais casos é bem conhecida, ele proprio a tem declarado pela «radio».

ROGERIO PEREZ

SEIS PESSOAS COLHIDAS

por uma camioneta

Quando hoje uma camioneta passava na rua do Rato, partiram-se-lhe os travões, indo o veiculo colher João Tiago, de 16 anos, e José Cardoso Lopes, de 18, caixeiros duma loja daquela rua, numeros 39 a 41, Manuel Leitão, de 18 anos, trabalhador, residente na rua Azedo Gneco, 28, 3.º, Manuel Silvestre, de 9 anos e seu irmão José Silvestre, de 13 anos, residentes na rua dos Sete Moinhos, Casal das Andorinhas, 12, e Helena Ferreira, de 50 anos, moradora em Galamares.

Todos ficaram muito feridos, sofrendo alguns fracturas de pernas e de braços.

Imediatamente acorreram diversos populares e policias, sendo os feridos conduzidos ao hospital de S. José.

Depois de examinados na sala de observações, ficaram todos internados no referido hospital, com excepção do pequeno José Silvestre, que recebeu curativo e depois recolheu a casa.

Embora se prove que não teve qualquer responsabilidade, o condutor da camioneta foi detido para averiguações.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

IMPRESSÕES DA ANDALUZIA

Aspectos anecdoticos da guerra civil

(Do nosso enviado especial)

CORDOVA, 27—O desejo, bem dificil, de encontrar têmos pitorescos que ficil, de encontrar termos pitorescos que façam esquecer os horrores desta leva-nos a coleccionar algumas anecdotas actuais:

Num regimento de Cordova ha um rancheiro que escolheu o grande panelão do rancho para nele se meter quando a sereia aconselhava bom refugio. O soar da primeira bomba encontrava já o nosso homem a bom recato, no panelão, que é de ferro e monumental, para um regimento!...

A sereia surpreendeu ontem o rancheiro em funções pessoais de bom provador do vinho dos oficiais, na cave. E na cave se deixou ficar. Que melhor refugio que uma cave?

Passado o perigo, poude verificar que o panelão havia sido destruido pelo bombardeamento na unica vez em que lhe não dera abrigo.

Outra anedocta de Cordova:

O pasteleiro cordovés D. Enrique Fernandez tem nos baixos do seu estabelecimento na Porta de Almodovar, um armazem abobadado onde manipula as guloseimas que vende na loja.

Bom Cordovés, e agradecido á clientela, instalou no armazem ventiladores que permitem ali albergar boa centena de bairristas que não são privados de ar, nem se queixam do tempo que ali estão, porque D. Enrique leva a sua generosidade até ao ponto de oferecer bolos aos refugiados.

Ha cordovez que inventa ter ouvido a sereia só para baixar á cave de D. Enrique, e lhe comer os bolos.

E ainda de Cordova:

Decorria a sessão do Ayuntamiento quando soou a sereia. O presidente estoico como o seu patricio Séneca, agitou a campainha ante o susto do «concejales», e continuou inalteravel, presidindo e sem pestanejar.

Até que uma bomba caiu tão proxima que todos desapareceram, deixando só o heroico presidente que, ante o inevitavel, e sempre muito digno, resolveu retirar-se tambem; mas não sem antes se dirigir aos bancos vasios e declarar:

—«Señores, está encerrada la sesion!».

Ontem, de novo em Sevilha, encontrámos uma «companhia» de circo á porta do Consulado de Portugal,—naquele pavilhão tão português que os arquitectos Rebelos de Andrade traçaram para a nossa representação no certame Ibero-Americano.

Constava a «Companhia» apenas de três elementos: o director, que trabalha tambem com cães amestrados; o palhaço, que secretaria e toca o tambor para atrair os espectadores, e a dama da «companhia», uma pobre mulher que diz ser de «Ervas» porque sendo os três portugueses falam um idioma fantastico que tem um pouco de andaluz e muito de circo.

Foram surpreendidos pelos acontecimentos em Cazalla de la Sierra, estiveram presos e sofreram varios horrores, sendo o maior a fome que os trouxe até aqui em busca dum repatriamento salvador.

De Cazalla até Sevilha ainda tentaram dar «espectaculos» mas os tempos não correm propicios para o riso...

Tambem nós desejariamos fazer sorrir os leitores com estas anedoctas que começaram alegres e terminam tristes, apesar de proposito bem contrario nos animar. Tão tristes que a ultima é completamente funebre.

Foi o caso que ontem, para acompanhar o nosso colega Leopoldo Nunes, fomos ao cemiterio de S. Fernando onde está o conhecido panteon que Benlliure esculpiu para os restos mortais de Gallito.

Pouco depois da «Puerta Macarena» já ás portas de Sevilha, apareceram as milicias nacionalistas pedindo-nos a documentação necessaria para sair da cidade. E como igual pedido fosse feito aos acompanhantes dum enterro, ouvimos a um deles este comentario:

—Como estan las cosas que hasta para acompañar a un amigo al cementerio hace falta pasaporte. El pobre, en cambio, se vá al otro mundo sin salvo-conducto!».

ROGERIO PEREZ

O pacto de não intervenção

nos assuntos de Espanha

e a atitude das potencias

O Japão não cortou relações com o governo espanhol

TOQUIO, 31.—A Domei informa que o «Gaimucho» desmentiu formalmente o boato de que o governo japonês tivesse dado instruções ao ministro niponico em Madrid para romper todas as relações com o governo espanhol.—(Havas).

A atitude da Italia

ROMA, 31.—Comentando o discurso que o Duce proferiu ontem em Avelino, o «Popolo di Roma» escreve:

«E' preciso que as nações que ainda conservam intacto o seu equilibrio moral e mental, velem e se armem».

Referindo-se á questão da Espanha o mesmo jornal diz: «A Italia tem plena consciencia da missão que o seu destino lhe reserva, nesta hora decisiva da historia do mundo. Está pronta a obedecer ás ordens do Duce. A Italia manter-se-á na espectativa se o Duce lhe disser que assim proceda».

Recordou depois a necessidade que o Duce proclamou de «serem fortes para assegurar a paz, a fim de poderem eventualmente defende-la e colaborarem com as nações de boa vontade na defesa da paz do mundo».—(Havas).

O pacto de não intervenção nos negocios de Espanha

LONDRES, 3—O «Daily Herald» informa «ser agora certo que funcionará em Londres a comissão encarregada de fazer respeitar o pacto de não intervenção nos negocios da Espanha».

A comissão iniciará os seus trabalhos assim que as embaixadas e legações acreditadas em Londres tenham recebido dos seus governos as necessarias instruções. E' possivel que nalguns casos venham delegados especiais.—(Havas)

LONDRES, 31—Os circulos oficiais informam que a Italia é favoravel á criação duma comissão internacional encarregada de coordenar as medidas destinadas a fazer respeitar o pacto de não intervenção nos negocios internos da Espanha.—(Havas)

A embaixada da Alemanha foi transferida para Alicante

BERLIM, 31—A embaixada da Alemanha em Madrid foi transferida, oficialmente, para Alicante.

Esta transferencia foi tornada necessaria, devido á evolução da situação em Madrid e á recusa do governo espanhol, não obstante os reiterados pedidos do encarregado de negocios do Reich, a assegurar á embaixada a conveniente protecção.

A embaixada conservar-se-á em Alicante até nova ordem. Como se sabe, nas ultimas semanas foram repatriados diversos membros da colonia alemã em Madrid, cuja segurança estava gravemente ameaçada.—(H.).

RETIRO DA SEVERA
R. Antonio Maria Cardoso, 5
Telef. 2 3071
Jantar, Esc. 12$00
Maria do Carmo Torres
Manuel Calixto
ENTRADA FRANCA

HA TRES SECULOS

O arcebispo D. João de Sousa

tambem era «Amigo de Lisboa»

Não me canso de dizer (e esta é já a quarta ou quinta vez que em letra de fôrma o faço), afóra aquelas muitas que o tenho repetido em manuscrito ou conversa, que frequentissimamente o serviço oficial que vou desempenhando ha quasi cinco anos na Biblioteca da Ajuda ... trás perante os olhos noticias curiosas, assuntos esquecidos, joias de verdadeiro encanto, por mim julgadas inéditas e desconhecidas de muitos que talvez pudessem tirar deles proveitos, se as conhecessem.

Como se sabe, perdida a livraria da Côrte, El-Rei D. José tratou de constituir outra, e foi assim que comprou a da Casa de Redondo. Catalogando os Manuscritos, a cada passo topo com codices e pastas daquele fundo. Ha tempos passou-me pela mão uma grande pasta de cartas missivas dessa proveniencia. A sua primeira divisão contem: *Cartas autografas (sessenta e três) de D. João de Sousa, sendo Arcebispo de Braga e depois de Lisboa... 1699 a 1706.*

Dessas cartas, 59 são dirigidas a seu sobrinho, Tomé de Sousa Coutinho, 2.º Conde de Redondo. São, no geral, cartas com interesse; falam de assuntos familiares, da saude, viagens, dão noticias da Côrte, de pessoas por quem se empenha, alguns negocios, etc.

Uma delas porém (51-III-1-n.º 1,-q), falando tanto de assunto familiar, dá tais noticias de certo local citadino, que desde logo pensei copia-la para a tornar conhecida.

Além do enorme interesse que tem a respeito do sitio de Lisboa onde tinha o seu palacio e quinta, esta nobilissima familia, uma frase ha na carta que merece registo e bem mostra como pessoas esclarecidas daquela época respeitavam e faziam respeitar o que era *em pró do comum.* Registem-se pois as palavras do prelado ilustre, decerto bem pouco usadas naquele tempo e representantes duma mentalidade digna de estudo: *e não haveis de poder nunca metellas (as terras a comprar) dentro da Clauzura dos Muros, porque a Cidade não pode, não deve nem he justo dar licença para que aquele caminho que vay detraz dos muros das freiras sair, por entre a quinta do Ramires, á Carreira dos Cavalos, nem o que vem de Santo Antonio dos Capuchos cortar ao Chafariz de Andalus se possa impedir.*

Por aqui se vê que era o Arcebispo D. João um verdadeiro «Amigo de Lisboa».

Dá esta carta tão curiosas noticias do local que o esmiuça-la, estudar os lugares, as pessoas e as referencias daria por si só um volume de investigação. Impossivel faze-lo nas colunas dum jornal e sem um estudo aturado de fontes que não tenho á mão. Mas aí fica boa isca para os ...ulosos do assunto.

Vê-se da carta que o 2.º Conde de Redondo era homem de sãos principios e que, desde novo, pensou em alargar e arredondar a sua propriedade na Côrte, no que era ajudado pelo Arcebispo seu Tio, contando com bens deixados por certo D. João da Silva e pela defunta Condessa (sua mãi, D. Luiza de Portugal?). Ali se fala no Chafariz de Andaluz, de todos conhecido, nas Quintas «do Ramires e de D. Izabel ou do Gentil», pelo visto nas imediações, esta ultima nas costas da dos frades de S. Domingos, não sendo tambem distantes «as vinhas e terras das Lagens e dos Fogueiros». Alude á sua «Quinta do Brandim», que quer vender e não sei onde ficasse, mas suponho não seria ali perto. Depois fala nas terras «que querem vender os Antas» e acha conveniente comprala; nas freiras (de Santa Marta); na Carreira dos Cavalos (cujo nome ainda hoje é tão conhecido, como o local desse antigo cemiterio dos animais); do Convento, enfim, de Santo Antonio dos Capuchos, tambem ainda hoje bem notorio, tendo dado o nome a uma rua da Capital e com que confinaria pelo lado sul a grande propriedade dos Condes de Redondo, que, pelo poente, ia até ao citado chafariz de Andaluz.

Cremos que facilmente, quem tiver nisso interesse, poderá ainda hoje estudar o local; não só porque na Camara deve existir larga documentação da compra feita de grande parte daqueles terrenos á ilustre Casa de Redondo, elevada a Marquesado de Borba; mas porque nos arquivos desta familia deverá talvez existir o tombo de tão grande e rica propriedade, que seria uma das mais belas residencias fidalgas da Lisboa do alvorecer: do seculo dezoito.

FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

Meu Sobrinho. Com grande gosto recebi sempre as vossas novas e a noticia da mais familia, mas para que estas se possão ler com mais brevidade vos pesso apliqueis para da vossa choriozidade a aperfeiçoares a letra, porque de outra sorte ha-de vir tempo, qua não seja intelligivel. Louvôvos muito fazeres tanta delligencia, para unires as terras, que ficarão de D. João estas são as mais convenientes e principais, e porque se ha de fazer todo o empenho unindo tudo o que vay desde o Chafariz athe o Canto das terras, que fição entre a vinha e a quinta do Ramires, para esse efeyto podem buscar os Religiosos Dominicos fazendas que se sobergem e hua dellas muito boa a quinta de D. Izabel, ou por outro nome a do Gentil, que fica nas costas da sua, ou outras vezinhas do mesmo chafariz, como aquelas vinhas e terras das Lagens, fogeteyros, e mais vezinhos, para isso dezejo vender a quinta do Brandim, porque hé praso de vidas, e não me quero nomear em quem o possa vender e aplicar talvez em apetites, e se tivesse muito o meu dezejo e obrigação de todos os que procurão augmentar a sua Caza he pôr em Couza que se perpetue nella. As terras, que querem vender os Antas tambem serão convenientes, haveis de saber primeiro se são livres, e o que pedem por ellas e não haveis de poder nunca metellas dentro da Clauzura dos Muros, porque a Cidade não pode, não deve nem he justo dar licença para que aquelle caminho que vay detraz dos Muros das freiras sahir, por entre a quinta do Ramires, a Carreira dos Cavalos, nem o que vem de Santo Antonio dos Capuxos cortar ao chafaris de Andalus se possa impedir; aquellas cazas e quintais do chafaris, em que morou a senhora Condessa, que Deus tem, como as em que morou D. João da Sylva, são menos convenientes pellas serventias que tem para fora e só para sobrerrogação dos Padres Dominicos, ou não sendo prazos, mas livres e havendo o Catedal, para se comprar, podia convir, e assim a minha conclusão ha de ser de que se compre primeiro o que estiver junto, para se unir, e hir dilatando a quinta e em segundo lugar as outras terras, que estiverem perto, sendo livres e havendo possibilidade, que he a primeira condição de todas, mas custa pouco fazer-se primeiro averiguação da sua calidade, e vallor, e de tudo se pode fazer reposta sempre em poucas regras, e pellas mesmas cauzas não sou mais dillatado. Deus vos guarde. Braga, 29 de Abril de 1700.—Vosso Tio —*D. J. Arcebispo Primaz*

TEMAS COLONIAIS

Lugares aos tecnicos!

Já temos ouvido dizer que Angola não está no estado de adiantamento que devia estar, devido a não ter tido tecnicos á frente das suas actividades. Que a falta dêstes, fez ruir todas as iniciativas, não se iniciando obras de fomento com metodo e conhecimentos, bem como agricultura e pecuaria por processos cientificos e racionais.

Poderá ser e não o contraditamos. Mas como chefes de Serviços, sempre temos conhecido tecnicos da especialidade: medicos, engenheiros, veterinarios, agronomos, regentes agricolas. Talvez falta de um programa de realizações, insuficiencia de verbas, sequencia de trabalhos. Mas hoje estamos na idade da tecnica. Especializados e mais especializados, cursos e mais cursos, exames e mais exames, embora nos faltem mercados para a colocação de gado, café, cereais e oleaginosas.

O maior director que teve o Caminho de Ferro de Benguela, foi Mariano Machado; criador, realizador, animador; que não era engenheiro, mas cuja acção foi brilhante, prática e patriotica.

Antero Tavares de Carvalho, o funcionario mais completo que tem tido Angola, que de tudo que diz respeito á administração publica tinha conhecimento: Alfandegas, Correios, Tribunais, Camaras, Fazenda, sobretudo Fazenda, e que até administrou distritos e foi governador geral — não possuia nem o curso dos liceus. O mesmo acontecendo ao grande e ilustrado comerciante, homem de rara envergadura, organizador e empreendedor, que se chamou Antonio Carneiro de Sousa Lara, fundador dêsse belo organismo que se chama Companhia dos Açucares de Angola.

Adolfo Pina, jornalista insigne, que conhecia os problemas de Angola em todas as suas minucias, cuja acção patriotica e inteligente todos admiravam, não chegou a concluir o curso industrial. E tantos, tantos outros, que seria fastidioso enumerar.

Os lugares não deviam ser dados aos cursos, aos exames, mas sim ao talento, á competencia. Onde estivessem, carregados de exames ou não, é que se iriam buscar os homens para pôr nos lugares dirigentes.

Quantos não passam nos exames ao colo, por sorte, e por pedidos?!... Porém, hoje, os cursos representam um dogma; e quem os possue é considerado infalivel. Até toda a legislação colonial é feita no sentido dos possuidores de cartas de exame terem privilegio sobre todos os seus concidadãos.

Mas, tambem acontece haver especializados que invadem actividades estranhas ao seu *métier*. Engenheiros, mineralogistas, advogados, medicos, oficiais do exercito e da marinha, exercerem lugares em empresas comerciais—Banco de Angola, Companhia Geral de Angola, Sociedade Agricola do Cassequel e outras— para que não estudaram nem têm preparação, tirando o lugar quando já tem modo de vida, aos que, embora não tendo cursos, têm dado uma vida inteira á labuta comercial. Criterio, senso prático, conhecimento do meio? De nada valem, não importa. Cursos, influencias, candeia acesa em Meca, é quanto basta.

Mas é assim mesmo. Para o mais modesto lugar publico, em Angola, pelo menos o quinto ano dos liceus. Agora que a ocupação do territorio está feita, não é necessario o valor nem o sacrificio. Ciencia, mais ciencia, embora em muitos casos não passe duma teoria.

Estas considerações são sugeridas por um relatorio dum chefe de Posto Administrativo, que acidentalmente lemos, prático, que não tem o curso da Escola Colonial nem o quinto ano dos liceus, e apenas exame de instrução primaria. Mas o que lhe falta em bagagem literaria sobra-lhe em prática, politica indigena, conhecimento da psicologia e lingua dos negros, na maneira inteligente, suasoria e convincente, como exerce a sua missão.

A Reforma Administrativa Ultramarina é mais do que exigente para com os chefes de Postos Administrativos. O numero 5.º do paragrafo 1.º do artigo 70.º é estupendo. E o seu cabal cumprimento depende mais da aplicação, vontade em bem servir, ser util e benefico, do que as habilitações literarias que o funcionario tenha.

Pois em obediencia a essa clausula, vimos dois assuntos soberbamente tratados. Não utopicamente discriminados, mas práticamente realizaveis.

Sôbre Assistencia Indigena, para ser mais praticamente desempenhada, não se limitar ás sédes de circunscrição e visitas periodicas dos medicos, sugeria a construção de enfermarias nos Postos, com um enfermeiro negro, que, na ausencia do facultativo, receberia ordens do chefe de Posto; e uma pequena farmacia com os medicamentos indispensaveis. Com um conhecimento notavel da região, enumerava as doenças predominantes que, tratadas a principio, mesmo por enfermeiro negro, evitava muita morte. Está claro que uma vez por mês haveria a visita fiscalizadora do medico.

Em politica indigena, referia-se á sua acção durante o ano. Nos ensinamentos e conselhos dados sôbre criação de gado, fonte de riqueza e do bem estar dos indigenas, ás culturas que deviam fazer.

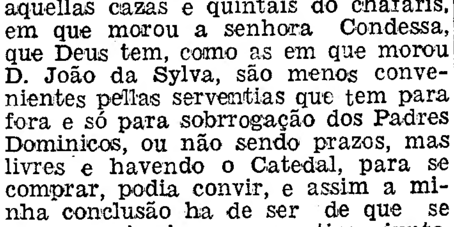
Que devido á baixa cotação atingida pelo milho, que não era passageira mas definitiva, semeassem arroz, ricinos e gergelim. Que em lugar de feijão encarnado, por eles considerado mais resistente e produtivo, mas sem aceitação na Metropole, cultivassem sómente o branco, manteiga, canario, etc.

Ficámos encantados com a forma porque este chefe de Posto, prático e não teorico, compreende a sua missão e cumpre com o seu dever. E fizemos o seguinte juizo: não possuis nem ao menos o 5.º ano dos liceus, estás perdido. Não mais subirás de categoria, serás sempre preterido.

Os alunos da Escola Colonial, mais cheios de teorias, embora sem tanta competencia, subirão e serão teus superiores hierarquicos. Não será muito justo, mas a lei é assim.

Mas a este, e felizmente muitos outros, não os desanima aquilo a que podemos classificar de injustiça. Continuam na sua senda utilitaria, na sua missão benfazeja, dando honra ao quadro administrativo de que são humildes soldados, sem se importarem se são ou serão injustamente preteridos.

ANTONIO AUGUSTO DIAS



Escusam

de se ralar!

Ninguém conseguirá apresentar cafés como os apresenta A Mariazinha.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á Igreja de S. Domingos)

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

No campo, á sombra ...
Na praia, ao sol...
Nas termas.. a agua!

Depois, antes de regressar a Lisboa, uma pequena digressão.

Um caso:

Lisboa—Caldas da Rainha—Figueira da Foz—Alfarelos—Porto—Viana do Castelo—Lisboa

2.ª classe...... 176$35

30 dias de validade

Paragens em transito facultativas e sem pagamento

Indique itinerario que escolheu á Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, ser-lhe-á dado o preço da pasagem.

Escreva ou telefone para 2 4031—Serviço do Tarfego da C. P.

Café Luso

Hoje cantam os distintos artistas Margarida Pereira e Francisco Santos (ás da popularidade). Os eximios artistas Jayme Santos e Miguel Ramos, tocam para deliciar a selecta clientela do acreditado Café Luso, variações da sua autoria. Se V. Ex.ª tem calor, vá para o Café Luso, onde tem ventilação natural e artificial. O Café Luso é na

Avenida da Liberdade, 31

Se vai passar as ferias na provincia...
Não se esqueça de comprar
Café do Moinho de Ouro
25, Torreão da P. da Figueira, 27
(R. do Amparo)

ESTRANGEIRO

SATURIO PAIVA
Da Escola Dentaria de Paris
Doenças da bôca e dos dentes
Prothese — Orthodoncia
R. Santa Justa, 60-2.º Telef. 2430(

NOTICIAS DO BRASIL

O valor do imposto sobre os rendimentos

RIO DE JANEIRO, 31.—O imposto sobre os rendimentos atingiu, no ano passado, 167.360 contos, cabendo ao distrito federal 71 mil contos, e 47 mil, ao Estado de S. Paulo. Seguem-se pela ordem de importancia os seguintes Estados: Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Rioc de Janeiro, Ceará, Pará, Paraná e Santa Catarina.

Em 1935, foram arrecadados, de impostos prediais, 2 milhões e 725 mil contos de reis, cabendo ao Distrito Federal 40 por cento daquela soma, e S. Paulo, com 30 por cento.—(Americana).

Uma comissão argentina

RIO DE JANEIRO, 31.—Encontra-se no Rio de Janeiro uma comissão enviada pelo governo argentino, para adquirir bauxita mineral em que o Brasil é riquissimo e que serve para a purificação das aguas do rio Paraná, de que se utilizam diversas cidades argentinas.—(Americana).

Diamante valioso

RIO DE JANEIRO, 31.—Noticias de Mato Grosso dizem que no *garimpo* denominado «tesouro» foi encontrado um valioso diamante de 47 quilates.—(Americana).

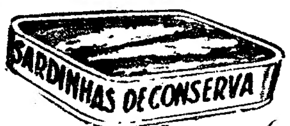
Jazigos de niquel

RIO DE JANEIRO, 31—Estão a ser estudados os grandes jazigos de niquel existentes no Estado de Goyaz e que dizem poder rivalizar com os da Nova Caledonia, que ocupar o segundo lugar em importancia no mundo. O geologo brasileiro dr. Luciano de chefe comunista Luiz Carlos Prestes, na).

Alemã expulsa

RIO DE JANEIRO, 31—Foi assinado o decreto de expulsão da agitadora alemã Maria Prestes, companheira do cefe comunista Luis Carlos Prestes, preso por motivo da revolução de novembro.—(Americana).

Luiz Ramos & Pereira Leite L.da
Proprietarios da
OURIVESARIA
ÁGUIA
Participam aos seus Ex.mos Amigos e Clientes a abertura da sua Casa na Rua da Palma 23 e 25 onde encontrarão o melhor sortido de artigos da sua especialidade e a melhor vontade de bem servir.



VER
CHEIRAR
PROVAR
SARDINHAS DE CONSERVA
é adoptar para sempre, êste apetitoso alimento salutar.
Com pão e manteiga é um rico petisco.

VINHO VERDE
"CASTANHEIRA"
Pedidos pelo **TELEF. 44342**

REMINISCENCIAS DUMA EPOCA VIVIDA EM ROMA

Um porteiro auto-didata e outro poeta

ao serviço do país no estrangeiro

Quando no verão de 1811 *desembarquei* na cidade Eterna, para tomar conta do lugar de administrador do *Instituto Português em Roma*, a substituir o porteiro nas horas em que ele ia comer os infaliveis macarrões e, como todo o romano fiel aos costumes tradicionais, dormir a sesta, encontrei um simpatico velhote que, durante quasi quarenta anos, fôra optimo sacristão da igreja de *Sant'Antonino*.

A sua idade avançada não o impedia, porém, de se manter sempre aprumado e de atender, com risonha solicitude, *i signori portoghesi* que vinham á sede do Instituto frequentemente, ora para admirar a igreja, ora para visitar os secretarios das nossas Legações junto do Quirinal e da Santa Sé.

Estes, por apreciavel comodidade e economia, habitavam, em regra, no edificio e aí constituiam, por assim dizer, alegre e despreocupada *republica eclesiastico-diplomatica*, visto ser presidida pelo reitor da Igreja de Santo Antonio dos Portugueses, no meu tempo, monsenhor José de Oliveira Machado, natural de Penacova, formado pela Universidade Gregoriana e prelado domestico de Sua Santidade.

Sempre irrepreensivelmente barbeado e vestido de preto, o referido porteiro-supra pertencia á famosa classe romana dos *sacristães de carreira*, classe que escapou ao *corporacionismo fascista* talvez para não se irritar o Vaticano... O sacristão efectivo de *Sant'Antonino* chamava-se o *sor* Gaetano Picciolini. Na mocidade fôra menino de côro, o que explica a sua entrada para a classe dos sacristães. O *sor* Gaetano distinguia-se muito do sacristão a quem sucedeu: —ostentava a farta bigodeira, já grisalha, que nunca se decidiu a rapar e que, bem cofiada e retorcida, o masculinizava desde os seus tempos de disciplinado e medalhado *brigadiere*.

A sua proveniencia militar imprimia-lhe ares respeitadores muito adequados á sua profissão. Salientava-se nas festividades religiosas pela gravidade das suas reverencias e pela maneira elegante e serafica como quebrava o joelho, a-pesar-dos seus sessenta anos. Era talvez exagerado, mas mostrava não só que amava a sua improvisada profissão, como ainda que convivera longamente com *canonicos* ilustres.

Um dia, porém aquele *asciuto* velhote, que substituia o *sor* Gaetano nos seus impedimentos, morreu, e o porteiro efectivo despediu-se, porque arranjara emprego melhor. Era, pois, necessario contratar quem fizesse as suas vezes.

Resolvi deitar anuncio no *Messagero*, o *Diario de Noticias* de Roma, aparecendo-me tantos pretendentes ao lugar que me vi na necessidade de requisitar um policia para evitar discussões e barulheiras entre eles. O policia entendeu que devia formá-los em bicha! A proposito, recordo-me de que o dr. Eusebio Leão, quando entrou no Instituto, onde instalara a chancelaria da sua Legação, ao deparar-se-lhe tal espectaculo, me chamou assustado e indignado. Na verdade, não era protocolar tal bicha á porta da Legação, mas a culpa não me podia ser atribuida...

Entre os numerosissimos concorrentes a porteiro apareceu um homem pequeno e franzino, de cerca de quarenta anos, com certo ar de pessoa educada e bem falante, o qual me impressionou pelas respostas atiladas que dava ás preguntas que lhe dirigi sôbre as suas aptidões e qualidades morais.

Entre outros predicados tinha o de saber... latim! Achei estranho que um homem versado no *ora orae* ambicionasse tão infimo lugar, mas o modesto Giuseppe Alpi, (assim era a sua graça) declarou-me que precisava da modesta paga oferecida para a juntar a uma pensãozita que lhe deixara, em testamento, um proximo parente. Para me convencer, exibiu atestados elogiosos de individuos de posição, aos quais ele—coitado!—havia prestado serviços varios—intelectuais e... braçais!

Em resumo, o *cavaliére* Alpi (descobri que tambem era *cavaliére)* apanhou o lugar e, com franqueza, só acreditei no seu latim quando o encontrei a traduzir com facilidade o *Cornelius Nepos*, ensinando a lição ao meu rapaz mais velho!

Decidi metê-lo em funções mais altas e foi assim que o guindei a empregado do «agente oficial do comercio português em Italia», o meu saudoso amigo Guilherme Teles da Fonseca Araujo.

* * *

Volvidos quatro longos anos, o *cavaliére* Alpi, com o nosso convivio, conseguiu aprender razoavelmente o português e até auxiliar o então embaixador do Brasil, junto da Santa Sé, o dr. Magalhães de Azevedo, primeiro, a passar-lhe á maquina diversos trabalhos literarios e, depois, a verter para italiano produções do eminente escritor! O seu trabalho foi tão consciencioso que o ilustre embaixador o aproveitou para dactilografo da sua chancelaria, onde, por fim, ficou empregado, quando faleceu o Fonseca Araujo e eu me ausentei de Roma.

O mais interessante é que um dia veio parar-me ás mãos um bilhete de visita do... *Dott. G. Alpi!*

Fiquei positivamente surpreendido, e, ao mesmo tempo, aborrecido. Não podia admitir que um *colega*, pelos incriveis *vai-vens* da sorte, descesse até cubiçar o infimo lugar de porteiro do Instituto...

Decidi interrogar o *cavaliére* acêrca do estranho caso. Qual não foi, porém, o meu espanto, quando ele me respondeu: «*Signore commendatore, é vero che io non ho frequentato qualche scuola universitaria, pero... sono um auto-didata!*»

Descobri depois que o *dott. G. Alpi*, confiando já nos seus conhecimentos de português, não hesitara em aconselhar uns compatriotas nossos, que me iam consultar sôbre determinada questão de direito internacional! Como eu saira, o *dott. G. Alpi* respondeu-lhes e não botou asneira! O *dott. G. Alpi* até citou o nosso Codigo Civil, muito senhor da sua ciencia juridica.

Era ele ou não era—preguntarei agora aos leitores—um autentico auto-didata?

* * *

Tive outro porteiro, o *sor* Paolo, o qual, depois de me pedir licença para consertar calçado no cubiculo onde dormitava e comia, se entregava, com inspirada devoção ,ao cultivo das musas!

Na verdade era assiduo colaborador do *Travasso delle Idee*, jornal humoristico bem conhecido em Roma.

O *sor* Paolo era cumpridor das suas obrigações, com o unico contra de cheirar a serol e de andar invariavelmente com as mãos sujas por sapateirar nas horas vagas.

Creio que este *sor* Paolo continua n Instituto e, por certo, a enviar rimas para o *Travasso delle Idee*, escritas em dialecto romanesco e ora sentimentais, ora impregnados de malicia.

Consequencias, afinal de contas, da desocupação italiana, que levava auto didatas, como o *dott. G. Alpi*, e poetas, como o *sor* Paolo, a exercerem lugares infimos.

EMYGDIO GARCIA

PAPEIS PINTADOS, FAZENDAS E ETAMINES
ULTIMAS NOVIDADES A PREÇOS EXCEPCIONAIS
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.
102—RUA NOVA DO ALMADA—104 Telef. 2 5601

A Pele Embranquece Enquanto V. Ex.a Dorme

Deite-se ás 11 h.—
Levante-se-se ás 7 h.—
Veja—uma maravilhosa transformação

Durante o fabrico de perfumes, descobriu-se que uma pura cera virgem, extraida do cálice das flores, possuia a maravilhosa faculdade de embranquecer a pele. Com esta delicada substancia, dum branco leitoso, chamada Cire Aseptine, toda a senhora pode, hoje, aclarar rapidamente a pele de diversos tons.

Aplicada á noite, antes do deitar, a Cire Aseptine, enquanto V. Ex.a dorme, intruduz-se, lentamente, na pele cuja camada exterior endurecida amolece e destaca em pequenas particulas. Tudo o que parecia grosseiro, escuro e áspero é desvanecido, os pontos negros são dissolvidos e eliminados, as imperfeições da tez desaparecem. Uma superficie unida e macia é restituida a uma pele branca e juvenil, e isto de maneira tão perfeita e impossivel de conseguir por outra forma.

Não esqueça empregar, igualmente, a Cire Aseptine no rosto e no pescoço, bem como, se o desejar, nos ombros, braços e mãos. Doutro modo a diferença de côr da pele seria muito de notar.

A' venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva á Agencia Aseptine—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio.

Os mais finos modelos para Cortinas
MAURICIO
Rua Augusta, 240-1.º
Telefone 28229

GLASURIT
Esmaltes e vernizes de 1.ª qualidade
Para todas as aplicações

ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.- CINTRA

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

OS REVOLTOSOS RESOLVERAM ARRAZAR A CIDADE DE IRUN

com o fogo simultaneo da artilharia do exercito, da esquadra e da aviação

Vôos dos rebeldes sobre Irun

HENDAIA, 31.—Do enviado especial da Havas, Chateau: «Um pouco depois das 11 horas, 4 aviões revoltosos voaram sobre Irun, mas não bombardearam. Até esta hora os revoltosos não fizeram qualquer bombardeamento. Os canhões dos governamentais romperam fogo, tambem pouco depois das 11 horas, de Fuenterrabia e detrás de Irun.—(Havas)

O sacrificio dos presos nacionalistas de Irun

HENDAIA, 31—(Do enviado especial da «Havas», Paul Chateau):

«A's 11 horas reinava a calma na frente de Irun. Sabe-se que os presos politicos que se encontravam recolhidos no Forte de Guadalupe e noutras prisões foram espalhados pelas praças publicas, ruas e diversas casas. Entre eles figuram o chefe tradicionalista da provincia de Guipuzcôa; Maura, deputado pela Galiza e irmão do antigo presidente do conselho e um bispo. Nota-se uma certa actividade com a chegada de tropas dos rebeldes, os quais concentram reforços e novos contingentes nas proximidades de Alunda. As autoridades civis e militares francesas tomaram providencias na fronteira.»—(Havas)

A acção dos aviões rebeldes

BURGOS, 31—A aviação nacionalista bombardeou as posições inimigas nas Asturias, Forte de Guadalupe, aldeia de Navalperal e estações de Villalba e Escorial e lançou bombas de 250 quilos na fabrica de armas de Fibar.—(Havas)

Importante material de guerra apreendido pela coluna Yague

CORUNHA, 31.—«Radio Corunha» anuncia que a coluna Yague se encontra, presentemente, ás portas de Toledo. Em 4 dias essa coluna tomou 16 metralhadoras, 20 canhões, 800 espingardas, 1 batalhão completo, 36 camiões e 400.000 cartuchos. Os nacionalistas ocuparam Puente del Arzobispo e Talavera del Tajo.—(Havas).

As colunas catalães

BARCELONA, 31—Sob os auspicios do partido Esquerda Republicana da Catalunha organizou-se mais uma coluna, que se denominará «Macia». Os operarios da construção civil organizaram tambem mais uma coluna. A União Geral dos Trabalhadores formou igualmente duas novas colunas, denominadas Karl Marx» e «19 de Julho». Estas colunas partiram ontem para a frente, tendo desfilado pelas «ramblas» no meio de grande entusiasmo da população.(Havas).

A guerra á burguesia

BARCELONA, 31.—O diario sindicalista «Solidariedade Operaria» publica um artigo sobre os intelectuais e a revolução, em que se queixa de que «a maior parte dos intelectuais da Catalunha se tenha conservado sempre indiferente aos acontecimentos da vida ou tenha posto sempre a sua pena ao serviço da burguesia. A realidade mostra-lhes agora o unico caminho a seguir: ou regressarem ao povo donde sairam ou desaparecerem como parasitas inuteis».—(Havas).

Chefes comunistas presos

SEVILHA, 31.—No bairro Triana foram presos os dois chefes comunistas Carlos Nunez e Saturnino Barruelo.—(Havas).

Assassinados pelas milicias populares

BORDEUS, 31.—A «Petite Gironde» anuncia que Chamayou, irmão das Escolas Cristãs, e director da Escola de Seo de Urgel foi assassinado pelos milicianos de Irun em companhia de um cidadão andorrano. Chamayou ensinava ha 30 anos e era muito simpatico aos franceses, pelo que a França o autorizára a regressar. Foi assassinado a 50 metros da fronteira francesa, apesar dos seus documentos estarem em ordem. O seu companheiro morto na mesma altura chamava-se Calvet.—(Havas).

HENDAYA, 31.—Do enviado especial da Havas, Paul Chateau: «A' 1 e 30 perto de 2.000 pessoas aguardam ainda em Irun os camiões que procedem á evacuação da cidade: são mulheres e crianças. As ordens são formais: devem todas ter abandonado Irun até ás 3 e 30. Continuam as cenas emocionantes: as mulheres que não querem abandonar os maridos. A decisão de evacuar Irun foi tomada ontem ás 19 horas quando se teve a certeza de que é intenção formal dos rebeldes destruir a cidade. Todos os refugiados são rapidamente vacinados e depois a maior parte é conduzida para o cais internacional da estação onde um vasto «hangar» foi transformado em dormitorio. Transportam-se camas, colchões, etc. E' um quadro comovente: pobres crianças agarradas ás saias das mãis e estas empolgadas por uma dôr lancinante que transparece no rosto. Os velhos parecem mais calmos; os olhos fixam não se sabe o quê—qualquer coisa longinqua. Alguns hoteis solicitamente recolheram diversas pessoas. A's 3 horas mais de 2.000 pessoas transpuzeram a fronteira. Irun está mergulhada numa escuridão completa: automoveis e camiões circulam com os farois apagados. Pouco ántes da meia noite chegou a Hendaia um legionario: declarou que vinha de longe, sem poder precisar o nome do local donde procedia».—(Havas).

Novos exitos dos revoltosos

RABAT, 31.—A's 8 e 30 Radio Sevilha anunciou: «Foi repelido o ataque dos marxistas em Guadalajara. Em Teruel a aviação governamental bombardeou, por engano, uma coluna marxista. A aviação nacional bombardeou Valencia, causando-lhe estragos importantes. Em Barcelona os habitantes queixam-se do estado e má qualidade dos generos alimenticios. As tropas vermelhas da «frente» de Aragão pediram, com urgencia, medicos, pois têm 15.000 feridos e doentes».

A's 8 e 30 Cadiz radiodifundiu que em Santander os nacionalistas repeliram duas colunas marxistas. Os habitantes de Irun abandonam a cidade ocntra a qual os navios e aviões nacionalistas se preparam pará romper violento bombardeamento. A cidade está pronta a render-se. As colunas nacionalistas da Galiza tiveram um embate violento com os marxistas. Estes fugiram abandonando material. Na frente de Saragoça e Guipuzcoa houve combates encarniçados. O governo de Burgos recebeu uma dadiva de 400.000 pesetas para comprar aviões. Radio Club Português assinalou um barco vindo do Mexico com material e armamento para os marxistas. Podem os marinheiros desse barco estar seguros de que irão para o fundo se intervierem em assuntos que não lhes dizem respeito.—(Havas).

Por engano, trava-se combate entre um avião espanhol e um contra-torpedeiro americano

WASHINGTON, 31.—Hull anunciou que o govêrno dos Estados Unidos fez "severas representações" junto do govêrno de Madrid e junto do general Queipo de Llano por causa dum avião espanhol, não identificado, ter lançado seis bombas na direcção do contra-torpedeiro americano "Kane". Este barco encontrava-se a 60 quilometros da costa espanhola, no golfo da Gasconha. Ao ver-se atacado, aliás sem resultado, abriu fogo contra o avião, que não foi tambem atingido.

Os protestos foram transmitidos pelo embaixador em Madrid e pelo consul em Sevilha. O govêrno dos Estados Unidos requere que se "dêem as mais energicas ordens" para que se não repita o incidente.—(H.).

Entidades de Madrid a caminho de Paris

PERPIGNAN, 31.—Marcelino Domingo, a deputada «Pasionaria» e Lara, ex-ministro das Finanças e da Justiça, passaram por aqui, vindos de Barcelona, com destino a Paris. Recusaram-se a fazer declarações.—(Havas).

Consulado português atingido por uma granada

TANGER, 31—Foi atingido por uma granada o consulado português em Larache. Os prejuizos são de pouca importancia. A. P.

A neutralidade da Alemanha

BERLIM, 31.—A «Correspondencia Politica e Diplomatica», escreve, a proposito dos acontecimentos de Espanha: «A neutralidade da Alemanha na questão espanhola está dentro da orientação doutrinaria do nazismo, de não se imiscuir nas questões internas dos outros paises. O Reich fez o mesmo quando da guerra italo-etiope. E' que os dirigentes alemães desejam, acima de tudo, preservar a paz. A Alemanha aderiu ao acôrdo de neutralidade e decretou o embargo de exportação de armas. Deseja, agora, que todos os governos cumpram as obrigações que tomaram.—(Americana).

A favor da revolução

BURGOS, 31.—Chegou de Orense um comboio de abastecimentos com 590 toneladas. A comissão que enviou o comboio remeteu tambem 23 quilos de ouro e um colar de perolas, avaliado em mais de 30.000 pesetas.—(Havas).

Cerimonia religiosa

SANTIAGO DE COMPOSTELA, 31.—Realizou-se ontem uma imponente procissão. A urna onde estão recolhidas as cinzas do Apostolo São Tiago era precedida pela imagem da Virgem do Pilar de Saragossa. A escolta era composta por Guardas Civis, que cercavam o arcebispo e as autoridades militares e civis.—(Havas).

O QUE DIZEM DE MADRID

No Alto de Leon

MADRID, 31.—*(Do enviado especial da «Havas», na frente do Alto Leon):* «O dia de ontem foi o mais interessante desde que começaram as operações neste sector. De madrugada, varios aviões rebeldes bombardearam alguns pontos dos arredores duma povoação serrana e do Escurial, sem lhes causar baixas nem estragos. Três trimotores governamentais levantaram vôo ao seu encontro, pondo-os em fuga. Uma caluna do tenente-coronel Rubio foi atacada pelos rebeldes, de que fazem parte «regulares» africanos, os quai foram postos em fuga. Uma caluna do tenente-coronel Moriones, que avançava desde a povoação de Guadarrama, colheu entre dois fogos os rebeldes, causando-lhes numerosas baixas e tomando-lhes grande quantidade de material de guerra, além de numerosos prisioneiros. O coronel Asensio, que comanda as colunas na frente do Alto Leon, chegou a Peguerinos, tendo unificado os comandos e realizando uma operação que deve ser decisiva. Durante todo o dia a artelharia manteve-se activa em todo o sector, sem que os rebeldes ripostassem. O bombardeamento da aviação e da artelharia causou importantissimos incendios na vertente Norte do Alto Leon, onde se encontram os rebeldes. O espectaculo dos incendios era impressionante pela extensão: era observado de todos os pontos da serra do Guadarrama. O alto comando informa que grandes nucleos de rebeldes retiram para a villa de San Rafael e outros fogem em direcção a Segovia. Os rebeldes fazem ataques audazes, devido á pressão das colunas de Mangada, que avançam peplos flancos esquerdo e direito no Alto Leon, entrando em contacto com as forças da rectaguarda dos insurrectos, os quais lutam desesperadamente neste sector. Ao meio dia, o governador do Banco de Espanha, Nicolau d'Olwer visitou o Estado Maior, mostrando-se satisfeito com o curso das operações».—(Havas).

Carreiras Aereas Nacionais

Seguiu viagem no Cap Norte, com destino aos principais centros aeronauticos da Europa, o sr. engenheiro Abel Pessoa, director tecnico da Companhia Aero Comercial.

Segundo nos consta, o sr. engenheiro Abel Pessoa vai adquirir novos modelos de aviões com destino ás carreiras Lisboa-Porto e Lisboa-Madrid que aquela Empresa se propõe organizar.

A viagem de regresso deve efectuar-se por via aerea.

Café Nicola
Serve a melhor cerveja, com aperitivos, tirada pelo processo mais moderno, a temperatura e pressão constantes. Pequenos almoços mais apetitosos com compota de fruta.

ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

ASPECTOS DE LISBOA

Os VENDEDORES AMBULANTES TOMARAM CONTA DA CIDADE

E' necessario que a Policia exerça uma vigilancia rigorosa sobre os produtos alimentares que são vendidos nas ruas

O vendedor de toalhas, guardanapos e lençois que percorre a cidade, e a pobre mulher que ainda não se estreou na venda da fruta, dos bolos e das pevides

Lisboa está infestada de vendedores ambulantes! As mais variadas coisas, das mais diversas procedencias, são oferecidas nas ruas, em activa e eficaz concorrencia aos estabelecimentos que antigamente tinham o monopolio dos respectivos negocios.

Já por vairias vezes os comerciantes com loja aberta tem protestado contra tal invasão que classificam de desleal, porque um vendedor ambulante não tem as despesas com renda do estabelecimento, com luz, com empregados, com decimas, e, portanto, podendo vender o produto mais barato, afugenta o cliente das lojas, conquistando-o para si. Mas isso é com os comerciantes. Eles que defendam os seus interesses, atravez dos seus organismos...

O que interessa ao jornalista é o aspeto exterior do acontecimento.

—Deve-se ou não consentir o vendedor ambulante?

Numerosas pessoas—e algumas de tão elevada categoria que nós temos que lhes pedir desculpa de não estar conformes—são de opinião que tal maneira de fazer negocio devia ser proibida, por diversos motivos, entre os quais avultam os seguintes:

a sua existencia dá á capital um aspecto de aldeia em dia de feira;

a sua concorrencia desleal prejudica grandemente o comercio estabelecido;

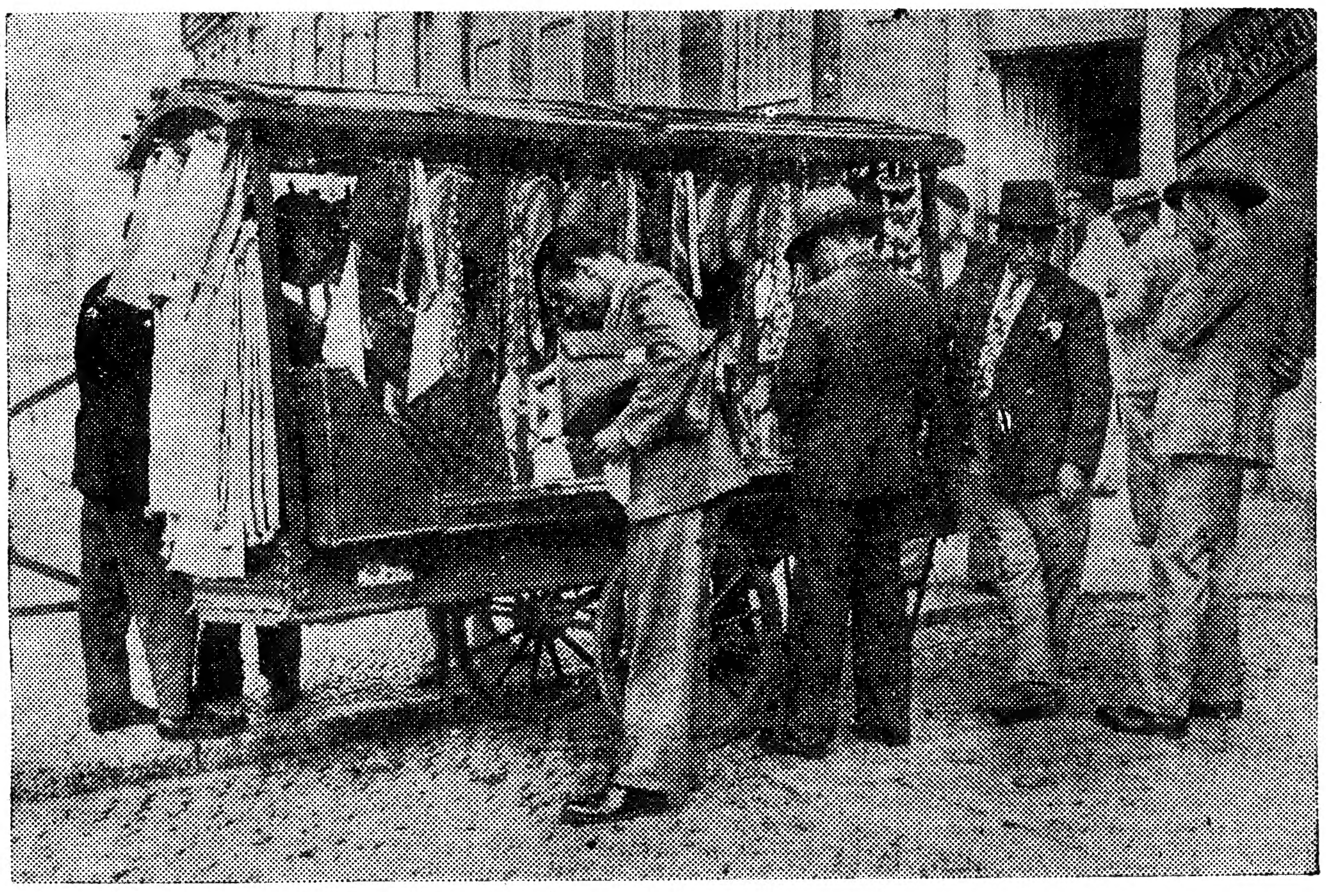
a venda de produtos de alimentação nas ruas é um perigo para a saude publica, visto ser quasi impossivel preservar aqueles das poeiras, das moscas e de toda a qualidade de lixo.

a praga dos vendedores ambulantes constitui um verdadeiro flagelo para a população e para os turistas

(Vêr continuação na pagina seguinte)

O céguinho que vende tabaco para poder comer, beber e fumar...

Este anda a fazer de «chinez dos colares». E se quizesse fazer outra coisa, encontraria maneira?



Isto já parece um estabelecimento! Alguns até metem luz electrica...

Este começa cêdo a ganhar a vida. Mas se lhe proibissem a venda das gravatas, teria jantar todos os dias?

ASPECTOS DE LISBOA

O pequeno comercio das ruas

não se pode proíbir, mas deve regulamentar-se

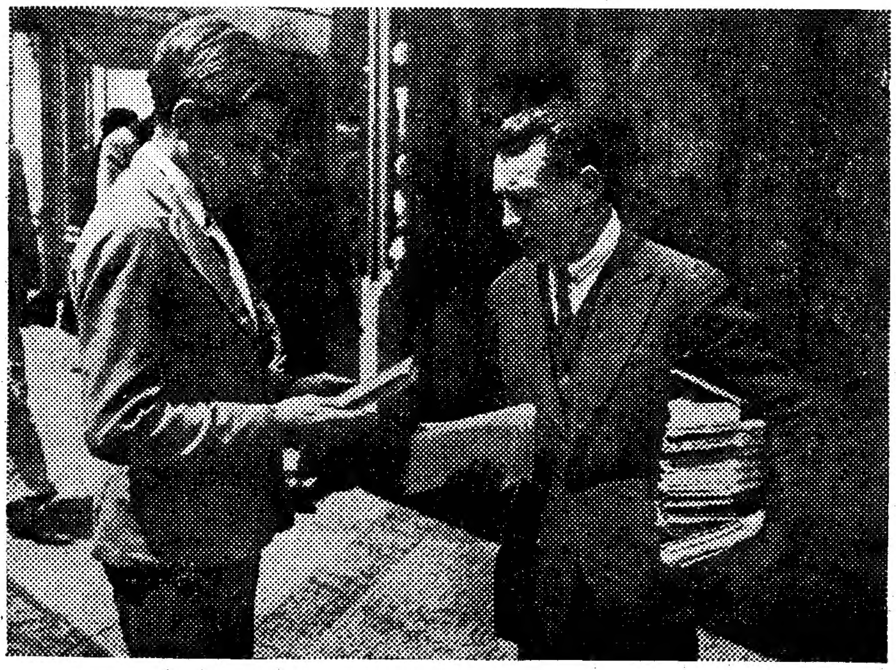
(Continuação da pagina anterior)

nacionais e estrangeiros que visitam Lisboa.

* * *

Devemos reconhecer que quasi todos estes argumentos são fundamentados. Mas outros motivos ha que nos levam a pedir, não a supressão dos vendedores ambulantes, mas a aplicação de regras que, permitindo-lhes o exercicio da sua actividade, deixem de constituir uma vergonha, um perigo e uma maçada para os seus semelhantes.

O primeiro desses motivos é o direito á vida. Num momento em que é tão dificil encontrar um emprego ou um trabalho que garanta o pão de cada dia, proibir os vendedores ambulantes seria uma crueldade, pois esses homens, essas mulheres e até essas crianças seriam quasi inevitavelmente atiradas para a miseria e para a fome.



Feira do livro ambulante

Outro é a animação, o movimento, o caracter que a Lisboa dão os seus vendedores ambulantes, desde as elegantes varinas, com as suas silhuetas caracteristicas e os seus alegres pregões, ás encantadoras leiteiras, ás mulheres que envelhecem sentadas nos passeios á espera que os miudos lhes comprem fruta, ou um «jasuita», amendoins ou pevides. Já acabaram com os ruidos—pelo menos em teoria. Se agora acabassem com os vendedores ambulantes e com os pregões, dariam realização á velha idéa doentia da cidade-tumulo.

O que se torna, pois, necessario? Em primeiro lugar exercer uma severa vigilancia sobre a higiene dos produtos alimentares que são vendidos nas ruas. Isso poderia ser feito por uma policia que ao mesmo tempo castigasse severamente todo aquele vendedor de cautelas, de gravatas, de brinquedos, de bugigangas que maçasse os transeuntes, querendo impingir-lhes á força a sua mercadoria. E assim se resolveria o problema, não tirando o pão nem a saude a ninguem e acabando com o verdadeiro flagelo que, pelos processos usados impunemente, constitui a praga dos vendedores ambulantes...

A' saida da estação do Cais do Sodré, encontra-se tudo á venda nas ruas, desde as rendas e os bolos ao sorvete consolador. E cada um dos vendedores paga por dia á Policia

NOTICIAS DA GUINÉ

A viagem do governador da Guiné

BISSAU, agosto—Com destino á Metropole onde vai á Conferencia dos Governadores do Imperio Colonial, passou nesta cidade, vindo de Bolama, o Governador Luiz Carvalho Viegas.

Na ponte do Cais prestava guarda de honra uma companhia de policia indigena comandada pelo sr. tenete Santos e uma deputação de alunos da Escola Central de Bissau acompanhados pelos seus professores. Completavam a cerimonia o elemento oficial, o Comercio, Industria e povo.

O sr. major Carvalho Viegas recebeu do povo da Guiné as maiores provas de admiração e de carinho, em todos deixando a certeza de que os destinos desta colonia se acham em mão bem firme.

Não fica por isso um unico portuguôs neste pedaço de territorio Ultramarino, que não deseje sincera e ardentemente o seu regresso, para que se complete uma obra governativa tão inteligentemente iniciada, e na qual tem predominado sempre a justiça, a dignidade, a disciplina e honestidade.

Vai ser transferida para Bissau a capital da Guiné

BISSAU—Corre com insistencia nesta cidade a noticia de que antes do fim do corrente ano será difinitivamente transferida a Capital da Colonia para Bissau, onde já se encontram as sédes de alguns serviços publicos.

O Comercio e a Industria rejubilam com esta prespectiva que muito vem concorrer para tornar Bissau uma futura grande cidade colonial, preparando-se e projectando-se grandes obras de iniciativa particular, tais como construções de edificios, casas para funcionarios, etc.

Comerciantes de Bolama ha que numa legitima defesa dos seus interesses, preparam a sua mudança para Bissau onde vão instalar os seus ramos de comercio.

Bom seria que quem de direito iniciasse desde já uma campanha profilatica e de sanidade. Contribuir-se-ia assim deste modo em grande parte, para o engrandecimento da proxima futura capital, tornando-a mais aprazivel.

Capitão Salvação Barreto

Em substituição do Governador major sr. Luiz Carvalho Viegas de viagem á Metropole, e na sua ausencia, ficará encarregado do Governo da Colonia o Inspector Administrativo sr. capitão Salvação Barreto.

NOTICIAS DO TOREL

INVESTIGAÇÕES NA AZAMBUJA — Regressou da Azambuja o agente Simões, da P. I. C., que foi áquela vila proceder a investigações acêrca dum crime de fogo posto de que foi autor João Inacio Junior. Este foi já preso e enviado para juizo.

O mesmo agente procedeu a investigações na mesma localidade acêrca dum furto de generos de mercearia, no valor de dez mil escudos, de que foi vitima José Julio da Costa e autor Francisco Alberto.

Este foi preso e enviado para o tribunal.

QUEIXAS Á POLICIA—Queixaram-se á Policia: Joaquim Rodrigues Piranga, rua de Francisco Sanches, 85, 3.º, a quem foram roubados 6 mil escudos; Helena da Silva Ribeiro, rua S. João dos Bencasados, 135, 3.º, a quem furtaram objectos no valor de 3 mil escudos; João de Carvalho, rua da Junqueira, 286, 3.º, a quem roubaram, na Costa da Caparica, 1.800 escudos e varios objectos; Olau Santa Marta, rua 20 de Abril, 172, a quem roubaram um anel com brilhantes; Anacleto Moreira, de Vizela, a quem os vigaristas apanharam 2.500 escudos, um cordão de ouro e um relogio de prata.

AUTOMOBILISMO

«III Rampa do Cabo da Roca»

Realiza-se no proximo domingo a III Rampa do Cabo da Roca», que será disputada nos mesmos moldes das provas anteriores.

A disputa desta prova deve-se ao A. C. P.—a mais importante organização automobilistica do país—esperando-se um elevado numero de concorrentes.

«Rallye» Automovel á Figueira da Foz

Promovido pelo «Club dos 100 á hora» realiza-se nos dias 5 e 6 um «Rallye» automovel á Figueira da Foz, para o qual termina definitivamente a inscrição, amanhã, ás 22 horas.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Turistas em Lisboa

Chegaram hoje ao Tejo dois grandes paquetes com excursionistas: o inglês «Vandick», com 455, e o alemão «Milwaukee», com 357.

Do vapor «Dempo», holandês, desembarcaram 75 tenistas com destino aos Estoris.

AUTOMOVEIS SEM CHAUFFEUR
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 4

Vida diplomatica

De regresso de Berlim, onde passou as suas férias, chegou hoje a Lisboa o sr. barão von Hoyningen-Huenc, ilustre ministro da Alemanha.

A bordo do «Dempo», foram apresentar-lhe cumprimentos diversas entidades oficiais alemãs e membros da colónia de Lisboa.

—A bordo do «Dempo», chegou hoje a Lisboa o sr. ministro da Holanda. O paquete vinha embandeirado em arco por passar hoje o aniversario natalicio da rainha-mãi da Holanda.

Um erro, dizer-se "Longe"...

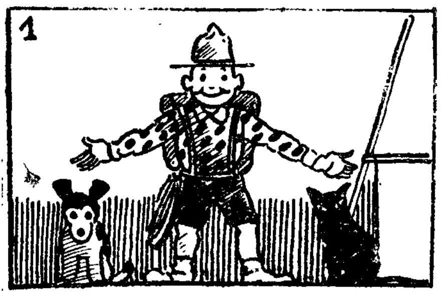
Não ha recanto de Portugal, que esteja «longe»...

Com os «bilhetes de banhos», bilhetes de excursão, bilhetes de «fim de semana», bilhetes de ida e volta, e tantas outras modalidades de redução de preços, a **C. P.** venceu a distancia...

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses—Trafego—Telef. 2 4031—Lisboa.

PAGINA INFANTIL

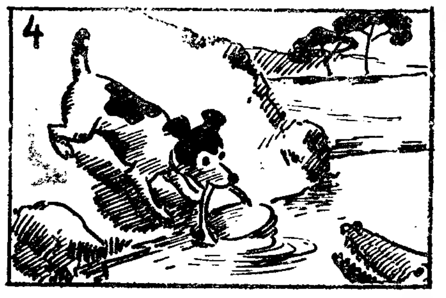
AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANECAS



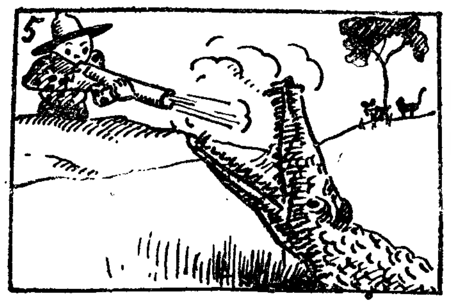
I—O Manécas, o Piloto e o Taréco são escoteiros. E aos domingos vão para o campo.

II—Enquanto o Manécas põe o tacho ao lume, com agua e sal, o Taréco vai á caça e o Piloto está de guarda á tenda de campanha.

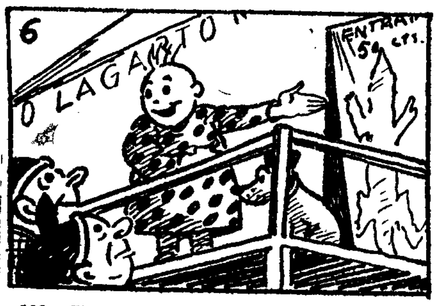
III—O Taréco apanha uma bela galinha selvagem que, cosida com pinhões—á falta de arroz—fará uma bela canja.



IV—Tendo o Piloto ido buscar agua a um ribeiro proximo, é assaltado por um crocodilo, mas consegue escapar-lhe.



V—O Manécas, com a sua espingarda de gases, dá cabo do bicharôco...



VI—E arranja depois muito dinheiro, expondo-lhe o corpo nas feiras...

AS COUVES DO SENHOR CURA

Compadre Zé Carapau era o homem mais magro da freguesia e, como tal, azedo e invejoso. Quando via o sr. Cura, muito reboludo e córado, tanto se arreliava que até parecia que ainda se tornava mais delgado e que o vento o levava!

—Que demonio comerá o padre para assim criar tanta banha e saude?—era o pensamento constante do magrisela do Zé Carapau.

E vai, um belo dia, não se pôde conter. Foi direito o Cura e interrogou-o sôbre o seu regime alimentar.

Muito placido, este respondeu-lhe:

—Pouca cousa como, apenas umas couvitas.

O Zé Carapau não quis saber de mais nada. Tratou de se empasinar todos os dias com panaladas de couves. Mas, parecia obra do mafarrico!. Quanto mais comia, mais transparente ficava e ia até tomando o tom esverdeado das couves com que se alimentava!

Já se vê que andava furibundo, jurando de si para si que havia de pôr o caso a limpo.

Uma ocasião, entrou, de improviso, em casa do padre.

—Venho pedir ao sr. Cura que me mostre que especie de couves são aquelas que lhe dão tão bom alimento.

Vai o Cura levou-o á horta e disse-lhe:

—Vês o que aí vai de couves? Pois é o que eu como. Dizes que são iguais ás tuas? Tal e qual! Mas o caso é sabê-las comer! Quando estão sazonadas, arranco-as e deito-as no chiqueiro dos porcos. Repara como estão a rebentar de gordos! Pois bem: eles comem as couves e depois sou eu que os como a eles! Percebeste, agora, meu papalvo?

Então, o José Carapau riu a bom rir com a explicação do Cura e ainda hoje, na aldeia, na tabernoria e na botica se conta o caso, entre gargalhadas.

V. L. M.

A lã das ovelhas

As ovelhinhas dos rebanhos, muitas vezes, ao passarem pelas moitas dos espinheiros bravos, sentiam que estes lhes arrancavam flocos de lã macia.

Ressentidas, preguntavam:

—Para que faria Deus os espinheiros que, como malfeitores, nos tiram sem piedade a lã que nos cobre? Bem basta que o lavrador nos tosquie para fazer agasalhos dela; agora os inuteis espinheiros que nenhum serviço prestam!

Isto sucedia sempre na primavera. Ora aconteceu, um dia, as ovelhinhas ouvirem, ao longe, lá para as bandas do rio, um doce cantico de passarinhos.

A magia daquela musica fez com que elas quedassem esteticas.

Foi, então, que repararam que as avesinhas, enquanto enchiam o ar com seus trilos alegres, voavam nas margens do rio, onde uma aragem branda agitava os flocos de lã nos galhos dos espinheiros.

Essa lã das ovelhas era levada nos seus biquinhos para o cimo das arvores e os seus pius diziam:

—Obrigado, espinheiros bravos que guardaram a lã para com ela fazermos os colchões dos ninhos dos nossos filhos!

Desde daí, as ovelhinhas nunca mais se queixaram dos espinheiros bravos.

Pelo contrario: agora são elas que vêm roçar-se pelos seus picos agudos, contentes de ali deixarem o conchego para os passarinhos recem-nascidos.

Companhia Sintra-Atlantico

Carreiras diarias para uma das mais lindas e saudaveis regiões do Paiz

SINTRA, GALAMARES, COLARES, PRAIA DAS MAÇAS E AZENHAS DO MAR

Carros electricos a todos os comboios em Sintra
Bilhetes de banhos e Assinaturas

Carreiras de AUTO-CARS entre AZENHAS DO MAR-LISBOA

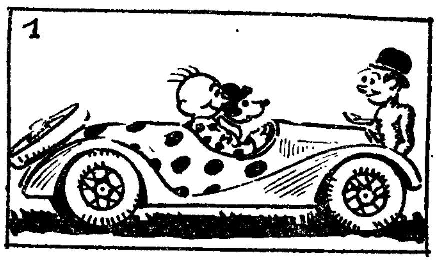
(Largo de S. Domingos, 11)

Azenhas do Mar P.	8	h. e 15,55 h.	(dias uteis)
"	8	" " 17,30 "	(domingos e feriados)
Lisboa	10	h. e 18,- "	(dias uteis)
"	10,30	" " 19,30 "	(domingos e feriados)

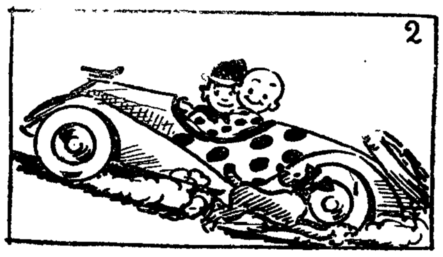
Carreiras entre Sintra — S. Pedro

Informações: Rua da Prata, 122 — Telefone 2 5359
Excursões a todo o País

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANECAS



I—Manécas vai passear no seu automovel que parece uma joaninha, pois é vermelho, com pintas pretas.



II—Como encontrasse o Quim, convida-o a subir e diz ao Piloto que vá para casa.

III—O cão, porém, dá com o «Pilha-Galinhas» a matar galinhas e patos que põe na estrada para culpar o Manécas...

IV—... e resolve chamar um Policia a quem mostra a cena.

V—Quando Manécas volta, é acusado de ter morto com o automovel toda aquela criação, mas o Policia desmascára-o e prende-o.

VI—Manécas é bom rapaz e paga-lhe o mal que ele lhe queria fazer, mandando o Piloto levar á prisão comida para o «Pilha-Galinhas».

UMA INAUGURAÇÃO

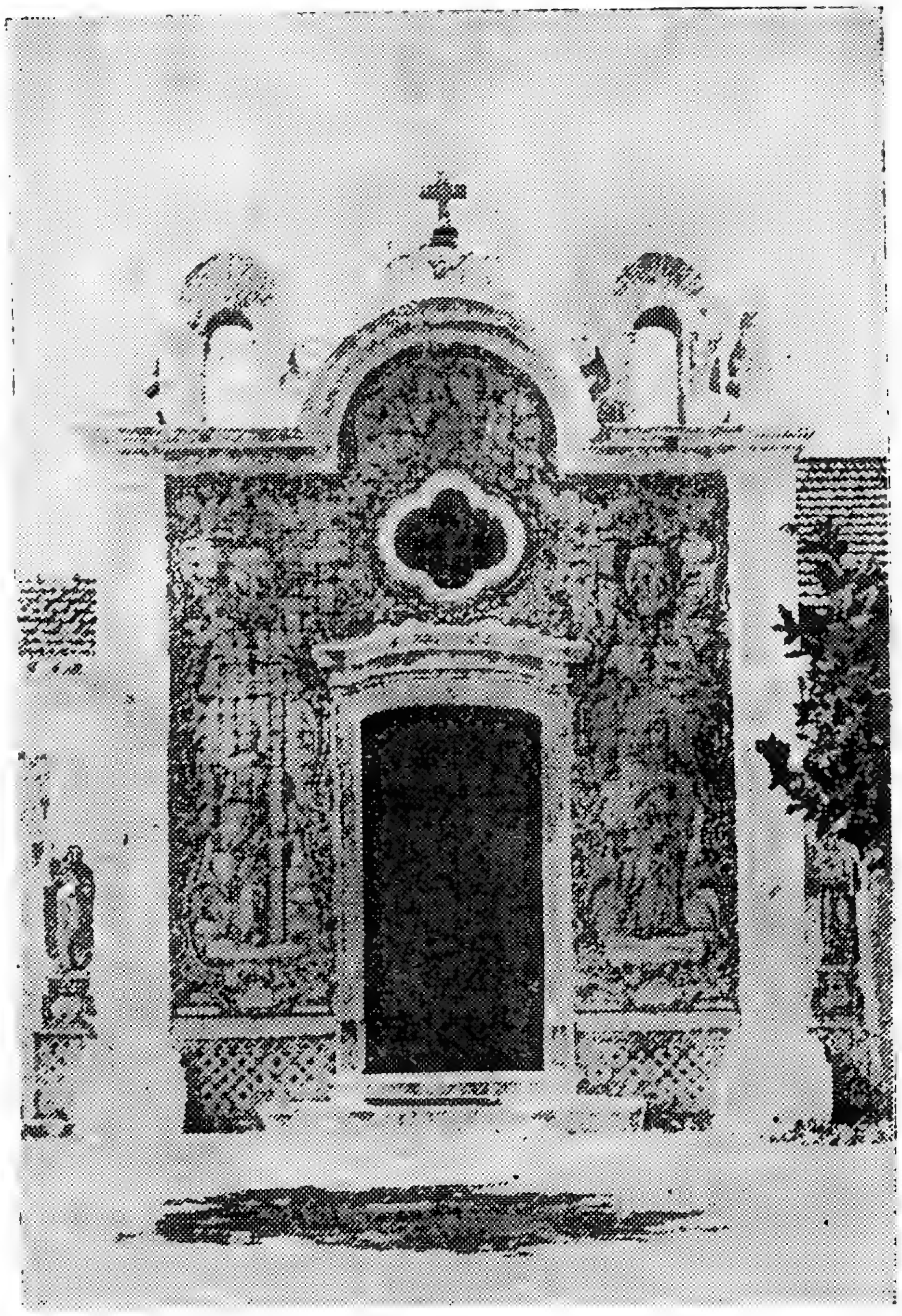
A rua da Palma conta desde hoje com mais um moderno estabelecimento de especialidade decorativa, de que é proprietario o sr. Daniel Fernandes, ex-socio gerente da casa Cunhas, da rua da Prata.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio que publicamos na 7.ª pagina.

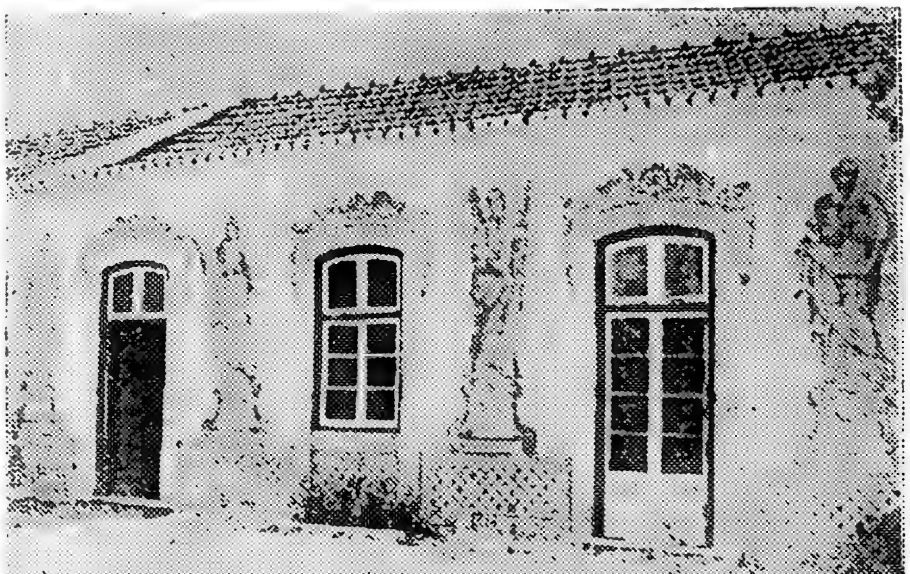
O PASSADO

Como se poderiam aproveitar as r

a par de Vila Nova de Caparica, num



A frontaria da capela na cêrca dos Capuchos



Um interessante pormenor do patio da quinta dos Capuchos

O panorama deslumbrante que se disfruta do lado nascente

As ruinas são feridas do tempo e da desfortuna, mazelas dos erros dos homens e da imprevidencia das gerações. Mas não repugnam. Nada mais belo do que uma ruina!

E quando dela, muda, descarnada, ninho alto de cegonhas, ou vergel rasteiro de cravinas que ninguem plantou, transpira uma vida morta de que alguma coisa se sabe e quasi tudo se ignora—a ruina anima-se de um espirito subtil e penetrante, que o misterio excita.

Ha ruinas, chagas bonitas escancaradas ao sol; ha ruinas, cicatrizes eternas, que têm sôbre a Arte, que porventura as aqueceu, uma outra arte—a dos conservadores peregrinos, pacientes do restauro, iluminadores de sombras.

Raro é o monumento por esse mundo de Cristo fora que não tem a sua ferida—cicatrizada. Por isso os belos monumentos se assemelham ás almas que teimam em viver.

Portugal é um país de ruinas. Só os povos que foram e que tiveram—mostram as suas ruinas. Ha por este rincão português além castelos que são milagres de artistas criadores.

Não é possivel conceber uma ruina —nos Estados Unidos da America do Norte. Mas se descermos ao Brasil lá as encontramos. E' que o Brasil—«foi».

* * *

Quando algum de nós se ausenta, e permanece mais uns tempos numa região, e começa a percorrê-la, e entra a adivinhar-lhe o passado—veredas que foram caminhos, caminhos que foram estradas; pedras que foram tecto, paredes que foram camaras; terreiros que foram adros e timpanos que tiveram cruz—as ruinas aparecem como mica debaixo dos pés.

Uma ruina é assim aquele enigma que o homem precisa na vida, por muito que saiba, para saber que não sabe tudo: o eterno osso para a imaginação roer.

Ha os livros! Ah, os livros... São todos copiados dos outros livros.

A tradição oral é uma luz decomposta, estimulante e deformada. Serve para aquecer a ignorancia, dando a ilusão de que a ilumina. E a ruina fica de pé: a unica verdade sou eu, com o meu misterio.

* * *

Estas generalidades difusas sobem-nos á mente ao contemplar, mais uma vez, uma ruina cerca de Lisboa, e de que—vejam lá!—quasi não vale a pena falar.

Já não é ferida sequer, e nunca poderá vir a ser cicatriz. Tem uma beleza subjectiva—a do lugar—e espiritualidade, se alguma vez a houve, nem se presente. Morta!

Pelo Convento dos Capuchos, dos religiosos da provincia da Arrabida, neste lugarzito alto e deslumbrante de «vida nova de cima» da Caparica, sôbre a falesia dourada, em volta a caminho do mar!

Não é um pensamento historico, pretenciosamente erudito, evocativo sequer, que nos leva a escrever estas linhas.

Mas apenas a sugestão de uma realidade civilizada que poderá um dia ser, neste país onde os belos lugares e as paragens altas só são descobertas—por estrangeiros.

* * *

Quando se leva o caminho que de Almada, pelo troço de estrada nova asfaltada desde o Monte de Caparica, vai á Costa deste nome, aí a dois quilometros da antiga povoação piscatoria—encontra-se a ruina dos Capuchos da qual toda a gente tem mais ou menos, conhecimento.

O miradoiro vê-se da praia, só o miradoiro, e o velho convento vê-se da estrada; val-se lá por um caminho poeirento de cento e cinquenta metros.

Se quizerem sustentamos: é bonito este cadaver petrificado, esburacado, de orbitas escancaradas, membros desfeitos—e que não cheira mal.

Dos Capuchos julgo que pouco se sabe, embora facil fôsse saber o que interessaria, se o pardieiro valesse uma devassa nos arquivos arrabidos, certamente a recato.

Este sitio em roda chama-se hoje simplesmente «os Capuchos». Encosta-se ao Outeiro da Bela Vista, propriedade actual do casal Monteiro Torres, tendo por intervalo rustico umas quintarolas de palmos de vinhas gananciosas de uns quaisquer.

Segundo a «Memoria Paroquial», já do terceiro quartel do seculo XVIII, ficava o sitio na povoação do Outeiro, a sexta de uma das cinco varas ou lugares principais de que se compunha a freguesia do Monte da Caparica da vila de Almada.

1)—Estas varas eram: «Fonte Santa», ao norte, onde se incluiam o lugar deste nome (o mais importante ao tempo e do qual nasceu posteriormente a cabeça da freguesia de hoje de Nossa Senhora do Monte de Caparica), lugar da Ranatega, o da Torre (dos Condes de Arcos), onde viveu Bulhão Pato, do Porto Brandão, do Castelo Picão, da Paulina, das Costas de Cão.

2)—«Morfacem» tambem ao norte onde se inclinam os lugarejos ou povoações de este nome Morfacem (onde estão hoje as quintas do Monte Carmo e Senhora da Conceição, propriedades das mais valiosas do concelho, que são da familia Pinto Basto, certamente no lugar onde esteve a ermida do Carmo das Carmelitas de Lisboa, hipotese que tinha por certa o meu falecido amigo e «gentleman» puro—ha que acrescentar—D. Manuel Figueira), Cova, Portinho da Costa e Trafaria (hoje tão desenvolvida).

3)—«Pera Ribeiro» a sudoeste (hoje incaracteristico lugar), que se compunha das povoações de Pera de Cima, Pera de Baixo Ribeiro, Rapozeira, Quinta de D. José de Menezes, Caveira e Possolos.

4)—«Funxal», a sudoeste, tambem, que se compunha das 14 povoações do Arieiro Vila Nova de Baixo, Vila Nova de Cima, Sebolal, Telhal, Outeiro (onde está a ruina dos Capuchos a que nos referimos), aldeia do Funxal logarejo do Funxal, Val do Grojeiro, Cazlinhos da Rosa (onde ficava, e lá está, o Convento da Rosa dos eremitas de S. Paulo, de que era padroeiro o conde de S. Lourenço, e cujo nome «Rosa» ainda hoje está ligado ás propriedades dos S. Lourenço, Ponte de Lima, e Castelo Melhor, na encosta da Mouraria em Lisboa), Vale do Tojeiro, Val de Figueira, Casais do Banha e Charneca (hoje muito desenvolvido).

5)—«Sobreda», ao sul, que se compunha de 14 povoações tambem: Casas Velhas, outro Arieiro, Azinhaga, Graciosa, Aldeia do Vale, Vale, Juncal, Sobreda, muito importante (onde esteve a casa religiosa dos eremitas de S. Paulo, fundado em 1410), Val de Gorou, Varje, outro Val de Figueira, Val de Bozal, Silveira e Seixeira.

Em 1558, ano a seguir á morte de D. João III, um fidalgo, D. Lourenço Pires de Tavora, fundou por devoção este Convento dos Capuchos, para frades arrabidos, a cuja cabeça de ordem certamente pertencia. O Convento da Arrabida foi fundado em 1542. Este Tavora tinha ao tempo 4[illegible] anos, e até aos 63; idade com que faleceu não deixou de proteger o seu Convento, pequeno como abaixo podemos dizer. E nele foi sepultado como se infere da lapide que existe nas ruinas, em marmore, e cujos dizeres transplantei para linguagem moderna corrente:

«Sepultura de Lourenço Pires de Tavora do Conselho de Estado de [illegible] Rei D. Sebastião, o 1.º deste nome instituidor e padroeiro desta casa Faleceu de idade de 63 anos a 11 de Fevereiro de 1573, havendo cinco se

Ê O FUTURO

...inas do convento dos Capuchos

...sitio de deslumbramento de ceu e mar

manas que descansava em sua casa dos muitos serviços que fez a este reino na paz e na guerra, na Asia, Africa e Europa».

Dois seculos depois 1755) ainda era padroeiro do Convento um descendente de Lourenço, D. José de Menezes Tavora.

Nesta época, porém, que destino tomaria o Convento, visto que em 1758 os Tavoras, supostos implicados no regicidio, eram supliciados, e do seu poderio, riquesa e assistencia nada restou?

Deve ter começado então o declinio da casa arrabida, «sobre o mar da Costa». E se de todo não se perdeu o Convento, certamente (não comporta este artigo estas derivantes) ha precisamente um seculo (1934-1936) pela lei de Antonio Augusto de Aguiar, deviam ter desaparecido os frades e o caracter religioso dos Capuchos.

Entrou nos bens do Estado, e logo, vendidos, passaram a particulares. Dado que o Terramoto de 1755 poucos estragos lhe fizesse—e alguns fez —o Convento, cuja igreja era da invocação de N. S. da Piedade, tornou-se reminescencia de um passado devoto.

* * *

Nas ruinas distingue-se hoje perfeitamente a parte primitiva religiosa (porventura varias vezes ampliada e restaurada do fabrico inicial do seculo XVI), da parte civil erguida pelo primeiro comprador, que ali fez moradia.

Hoje está de pé a frontaria, apenas, e uma pequena galilé.

A frontaria ou fachada não é, evidentemente de 1558; tem quatro colunas «novas», de ordem simples, sobre duas das quais se levanta um pequeno arco. Os três portões são de ferro, gradeados, com certo jeito. Os ornatos da cimalha são flamejantes. Têm duas janelas ou frestas, uma das quais falsa, e ao centro um nicho, onde devia estar primitivamente talvez uma Senhora da Piedade, e hoje está, intacto (!) um bonito Santo Antonio, de barro vermelho, adorno piedoso de um dos proprietarios, *post* 1834.

A galilé (impropriamente assim lhe chamam) parece-nos obra posterior ao Convento: a igreja era alta, desenfadada, recoberta de azulejojs, de que todo o Convento pobre era rico. Esta suposta galilé é atarracada, e por alguns pormenores que esmiuçamos deve ter sido logradoiro de repouso; vêem-se ainda peuenos embrechados de louça da India, partida, de que se adornavam as «grutas de estar» frescas e por ventura com seu fio de agua.

A torre lateral sineira subsiste—sem sino.

E não ha azulejos; foram pilhados, pouco a pouco, no abandono a que isto tudo ficou votado, desde que ha bastantes anos adquiriu a propriedade um individuo falecido ha dois meses, aqui perto, Narciso Xavier da Cunha—de quem não ficou bom nome na região, não sabemos ao certo se com justiça—e que, pôdre de rico, deixou cair tudo o que era seu, por toda a parte, aos bocados. Foi ele, inconscientemente, o vandalo dos Capuchos.

Existem apenas três ou quatro panos de azulejos, tipo fim do seculo XVIII, num pavimento á direita da galilé, onde os miseros rendeiros destas ruinas e terras em redor fazem hoje deposito de tomates e aboboras, neste palmo das ruinas unico que tem a defesa das grades exteriores.

Tudo está escancarado e a ruir das paredes. Dentro do Convento ha ainda, de pé, o patio, quadrado, aí com vinte metros de face, com suas quatro ordens de colunatas simples, em arcadas singelas, miniaturais, sob as quais ha dois seculos, se escoariam as sombras dos capuchos arrabidos.

Ao centro, uma figueira brava, retorcida, mirrada de sede, põe uma nota dramatica nesta miseria, sem alma sequer. Oito miudos, filhos do rendeiro, esgrouviam por ali, como larvas humanas; ronca um porco, picam galinaceos, ladra um cão horrivel—e a paisagem é um deslumbramento!

O convento, propriamente, esburacado, equilibrado num primeiro andar lavado de ares, que foram celas, e depois moradia feliz dos proprietarios cuidadosos, logo após 1834, é agora habitação do tal inquilino, um casal humilde e bronco, pejado de filharada. Todos os tectos baixos são de abobada, de tejolo, e primitivos, adivinhando-se a adega, as aposentarias e vendo-se a descoberto, ôco e soturno, o carneiro-jazigo dos pobres frades arrabidos, da protecção dos Tavoras.

Disto dizem Teixenra de Pascoais e Raul Proença:

«Ruinas frias, silenciosas, incaracteristicas, onde não ha uma sombra que esboce um fantasma, nem a ilusão de uma voz antiga murmurando. Estas ruinas batidas do sol e do vento não dizem nada. Mas o panorama esse é extraordinario: ceu, terra e mar!».

E o azul é purissimo, e o mar é imenso, e uma nuvem de ouro e de prata, conforme a hora, envolve tudo; a paisagem é de sonho, com o Cabo Espichel, a Arrabida, Sintra, as falesias de percla, a entrada do Tejo, a praia da Costa a embriagarem a retina.

Um miradouro alto, sobreposto de um antigo parque ou jardim, domina este mundo de beleza fluida.

E' isto os Capuchos!

* * *

Os Capuchos—disseram-nos—estiveram para ser comprados ha poucos anos por uma companhia inglesa, para serviços de telegrafia ou séde de importante instituição de comunicações internacionais. Formidavel posto de... observação e até de—escuta.

Narciso Cunha teria roido a corda, após o acôrdo verbal, exigindo, exigindo sempre mais dinheiro.

O herdeiro daquele homem pouco pratico á força de pratico é seu filho, o sr. Virgilio Xavier da Cunha, homem de idéas diversas, de seu pai, moderno e desempoeirado, e que vive na região, bastante estimado!

Pois bem.

Que vai fazer ele dos Capuchos, do sitio dos Capuchos?

A este maravilhoso local, hoje monte de pedras e de duas ou três recordações historicas, sem valor nacional —de rara beleza nos arredores de Lisboa e de extraordinaria posição, até para o Estado—que destino está reservado?

Como já não se constroem conventos, e Almada já tem o seu melhor local ocupado por um seminario (e não vão duplicar, com certeza)—que se fará dos Capuchos e nos Capuchos?

Um grande hotel de repouso e cura—que Portugal á beira do Oceano não tem? Uma moradia principesca? Um bairro feliz para os que gostam da Costa da Caparica, mas não gostam de lá morar, e têm razão nisso?

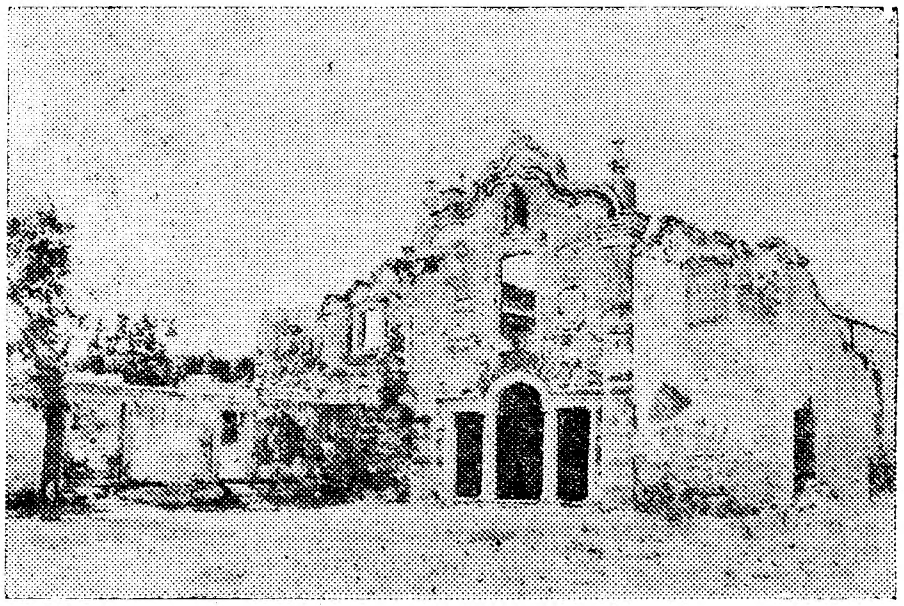
A futura Vila Nova dos Capuchos?

Já desapareceu a sombra do ultimo frade, e a memoria do ultimo Tavora.

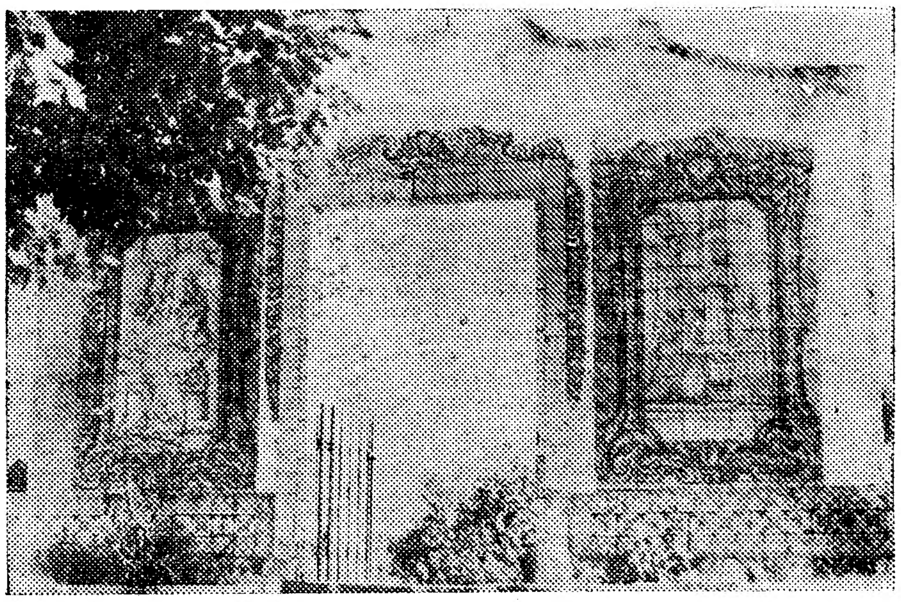
Este cadaver-ruina pode ser soterrado, por dupla higiene, guardando-se, com devoção, a fachada, para se saber, ao menos, o que aquilo foi: lapide com seu Santo Antonio de barro da Torre dos Condes Arcos.

E eis a unica coisa afinal que nós descobrimos: uma sugestão, sob o ceu limpido sem uma asa e sobre um oceano claro, agora sem uma unica vela.

Aspecto geral das ruinas do convento dos Capuchos



A frontaria em ruinas do convento dos Capuchos



Um elegante portico separa o patio da quinta

A praia da Costa da Caparica vista do mirante dos Capuchos

PORTUGAL ULTRAMARINO

Literatura colonial

Num tempo como o nosso em que as distancias estão praticamente abolidas de tal sorte que com uma rapidez admiravel e desconcertante podemos tomar contacto com as mais variadas manifestações das etnicas estrangeiras parecerá estranho persistir em designar por literatura colonial aquela cuja unica distinção da nossa é a de dever o seu ambiente a uma latitude diferente.

Já vai longe o tempo em que a humanidade se desinteressava dos paises exoticos, exclamando «como se pode ser persa». Hoje sentimos facilmente os mais variados cambiantes das emoções do homem por que quer queiram quer não, ele é sempre o mesmo, esteja onde estiver.

Sem aceitarmos portanto as limitações que alguns criticos pretendem impôr á literatura colonial, considerando-a uma especie de regionalismo exotico apressamo-nos em afirmar que ela é antes de mais nada a vivificação dos motivos, o afinamento literario das concepções que os primeiros pioneiros surpreenderam mas que sómente o escritor soube adivinhar e plenamente transmitir. Se assim não fôsse a literatura colonial deveria consagrar-se exclusivamente a descrever a vida indigena.

A atestar a veracidade do que afirmo ai está uma infinidade de escritores do maior valor que ninguem se lembra de catalogar na categoria de escritores coloniais, que pela sua importancia e repercussão ultrapassaram muitissimo o quadro que teoricamente lhes pertence.

Pierre Mille, Luc Durtain, André Demaison, Pierre Benoit, Claude Farrére, René Maran, J. J. Taraud, etc., etc., são bem expoentes de quanto a literatura colonial tem enriquecido a inteligencia francesa de valores que deram as suas provas principais tratando motivos exoticos.

O mesmo poderiamos dizer em relação á Inglaterra que tem como representantes maximos da sua literatura colonial Kipling. Conrad e Forster, os quais exerceram sem duvida uma influencia maior que muitos dos mais persuassivos escritores europeus. E essa acção foi mesmo tão longe que invadiu os dominios da psicologia modelando por vezes a propria raça.

* * *

Nesses paises distantes e praticamente ilimitados em que domina a soberania portuguesa o branco vive no meio de uma humildade diferente mas de carne e osso, sempre em contacto com os mais angustiosos problemas do pensamento e da alma indigenas.

E' precisamente esse ambiente que urge fixar porque é ele na verdade que tem determinado os raros escritores portugueses que até agora alcançaram dar-nos uma idéa precisa do que é a vida sob os tropicos e sob o equador.

Norman Hurst notavel critico inglês ,analisando no seu livro «Four elements of literature» as condições indispensaveis para a eclosão da obra de arte afirma:

«Literature is an expression of the mind of the writer, and its infinite variation, not only in the work of different authors, but even in the works of one and the same man, is due to the interplay, and combinations, of the four basic elements. They are the Outer, the Inner, Energy and Balance». (1).

Sem desejarmos demorar-nos a explicar a interdependencia que existe entre estes quatros elementos formadores da obra da arte, consideramos indispensavel entretanto salientar que num meio como o colonial as influencias sofridas pelo escritor tomam uma amplitude formidavel de tal modo que manter a exacta constante necessaria á literatura nas suas varias manifestações torna o seu trabalho por esse facto tanto mais notavel.

Quando lemos, sempre com a atenção empolgada o «Esmeraldo» de Duarte Pacheco e as «Viagens de Fernão Mendes Pinto em verdade os decanos da literatura colonial portuguesa não podemos deixar de pensar que sob aquele aspecto somos nós, com efeito, quem mais antiga experiencia humana possue, e que por isso fácil nos será encontrar o «substractum» da verdadeira creação literária que, como é bem sabido, exige sempre um perfeito conhecimento do meio.

* * *

Parece verificar-se hoje o renascimento literário português justamente no campo colonial e sem podermos citar os nomes de todos os escritores que têm escrito sobre o ultramar não queremos deixar de pôr em relêvo alguns, os ultimos aparecidos em data que por serem assaz significativos merecem referencia especial.

Guilhermina de Azeredo, Maria Archer, Henrique Galvão, Antonio de Aguilar e João Augusto Silva são altas e independentes expressões da literatura colonial portuguesa comtemporanea.

Pela sua rigorosa documentação, pelas suas puras e exactas concepções, pelo escrupulo e subtileza que cada uma das obras dos autores referidos apresenta podemos sem favor considerá-las lucidas mensagens da vida emocionante e tragica que se desenrola sob os tropicos. Trabalhos bem arquitectados, solidamente equilibrados de uma harmonia vigorosa não dando senão o essencial mas com uma pujança admiravel, abrem um universo novo áquele a quem a côr dessa linguagem original revela as experiencias inéditas de uma humanidade desconhecida.

Sem jamais cairem no lugar comum estes vivificadores da vida portuguesa do ultramar quando se ocupam de problemas dizendo respeito aos nativos, sacrificam com uma honestidade admiravel o seu talento aos seus motivos, dando prova nestas circunstancias de uma generosidade e de uma modestia verdadeiramente inigualaveis. Estas qualidades, as mais belas na realidade que pode possuir um escritor, consagram-os inteiramente. Pela qualidade do seu talento os nomes que citei corajosamente resistem aos obstaculos que em Portugal encontra sempre quem pretende conquistar uma posição na literatura. A sua devotada atenção pelo ultramar deve impô-los, porém, ainda mais á nossa estima, porque para a concepção de Imperio nos compele uma historia colonial velha já de cinco seculos.

(1) Literatura é uma expressão da inteligencia do escritor e é devida a 4 elementos basicos: o exterior, o interior, a energia e o equilibrio.

ALVES DE AZEVEDO

FINALMENTE, O DOMINGO!

—Seis dias de trabalho intensivo cansam, depauperam o organismo...

—Ao domingo, o bem merecido descanso. Arejem-se os pulmões, sorva-se o ar puro da serra...

—Sai de Lisboa (estação do Rossio) ás 9 horas; de Sintra, ás 10 e 25; atravessa em auto-carro a serra de Sintra, passando por Colares, Almoçageme, Malveira, e chega a Cascais ás 11 e 20.

—Parte de Cascais ás 11 e 35 e chega a Lisboa ás 12 e 12. Vem almoçar a sua casa.

Não quere estas horas? Escolha os comboios e carreiras de caminhetas que mais lhe convierem...

E esta esplendida digressão, se fôr em 2.ª classe, custar-lhe-á

MENOS DE 20 ESCUDOS

A estação do Rossio vende bilhetes de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes para todo o percurso. inclusivé o das caminhetas.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses—Trafego—Telef. 2 4031.

PROBLEMAS ASTISTICOS

O teatro de S. Carlos

Segundo informações oficiais, o Conselho Superior das Obras Publicas acaba de se pronunciar finalmente sobre as obras de que carece o teatro de S. Carlos, pelo que é de presumir que as mesmas se realizem com a mesma rapidez, com que tão belo edificio foi construido, e que segundo reza a historia, apenas levou «seis meses», devido principalmente á vontade ferrea do afamado intendente da Policia desse tempo (1792) D. Diogo Inacio de Pina Manique. Porém, se mais tempo levaram as anunciadas reparações, do que levou a sua construção, o que é bem natural acontecer neste seculo «de velocidades», ao menos que as mesmas estejam concluidas de forma a que a 30 de junho de 1937, se possa proceder á sua reabertura, data em que passa o 144.° aniversario da sua inauguração.

Lêmos ha tempos, que seriam desocupadas as dependencias do mesmo teatro, em que se encontram instaladas instituições alheias á sua função social. Oxalá que assim seja, pois nem outra coisa ha a esperar, já que se decidiu proceder ás necessarias reparações; por isso mister é que os salões do mesmo teatro, se transformem em autenticos salões de teatro de Opera, ousando alvitrar que, pelo menos, as paredes do grande salão sejam guarnecidas de «panneaux» alusivos a motivos liricos dos mais conhecidos compositores, e confiados aos nossos principais pintores, ornamentando ainda o mesmo salão alguns bustos dos mesmos, e dalguns dos mais afamados cantores que tão grande fama alcançaram nos tempos aureos de S. Carlos, e que tão grandes nomes legaram á posteridade.

Não se deve esquecer tambem aproveitar o ensejo de se fazer uma lapide a colocar no salão nobre, perpetuando a letras douradas, os nomes dos negociantes e capitalistas portugueses que, em 1792, se constituiram em sociedade com o fim de efectivarem a construção do teatro e que se chamaram: Joaquim Pedro Quintela, Anselmo José da Cruz Sobral, Jacinto Fernandes Bandeira, Antonio Francisco Machado, João Pereira Caldas e Antonio José Ferreira Sola, devendo tambem figurar os nomes do arquiteto respectivo José da Costa e Silva, e o de D. Diogo Inacio de Pina Manique a quem se deve a rapidez da sua construção no curto espaço de seis meses, segundo se afirma, e que nos tempos actuais se não conseguiria, não obstante a epoca que atravessamos, ser de velocidade, com a qual é porém incompativel a legislação social dos tempos modernos!

E, já que falámos sobre as obras de que carece S. Carlos, seja-nos licito referir ao seu consequente funcionamento.

Estamos convencidos, de que sem o auxilio directo do Estado, nada se poderá fazer de concreto, quanto ao seu normal funcionamento — a exemplo do que se faz em outros paises tão pequenos como o nosso, como sejam a Belgica, Holanda e Suiça, cujos governos sempre têm estimulado com o seu valioso auxilio, a missão cultural que constitui um bom espectaculo de opera.

Assim, o governo belga em 1934 subsidiou o Teatro Royal de la Monnaie, de Bruxelas, com 1.125.000 francos, e a respectiva municipalidade com 600.000 francos, ou seja um total de francos belgas de 1.725.000 anuais, que ao cambio actual representam em escudos 1.293.000$00 aproximadamente, e a pequena Belgica tem, além deste teatro lirico, mais quatro teatros permanentes de opera, dos quais, dois em Anvers de população mais reduzida do que Lisboa, e outro ainda em Gand e mais outro em Liége, todos eles subsidiados anualmente pelo governo e municipalidades respectivas com mais 1.415.000 francos belgas. Além disso na Belgica, o culto da boa musica é de tal natureza, que o governo belga subsidia mais ainda (33) trinta e três Sociedades de Concertos, com a condição porém de darem em determinadas ocasiões concertos «populares» e «escolares», com o mero intuito de divulgar entre todas as camadas sociais as maravilhosas paginas dos grandes autores classicos. Honra lhe seja!

A pequena Suiça, tão ciosa da sua educação civica e artistica, igualmente dispensa á cultura musical prestimoso auxilio, tendo tambem cinco teatros liricos permanentes, em cidades de populações bem mais restritas do que Lisboa, como sejam Zurich, Bale, Berne, Geneve e Lausanne. E' facto que o governo da Confederação não concede subsidios, mas as municipalidades de Zurich, Bale e Berne subsidiam os seus respectivos teatros, sendo os restantes auxiliados pelos governos dos cantões onde estão situados; e tais espectaculos, pela sua optima organização e rigorosa selecção dos seus elementos componentes, torna-os absolutamente modelares e maravilhosos nas suas interpretações artisticas.

O mesmo se dá na Holanda e na Dinamarca onde os espectaculos liricos sempre mereceram as atenções e auxilios dos respectivos governos e o carinho do publico em geral.

Igualmente entendemos que, para a manutenção normal do teatro de S. Carlos, á Emissora Nacional tambem compete contribuir com a sua quotaparte na divulgação das melhores obras liricas, susceptiveis de agradarem aos ouvidos do mais profano, e cujas retransmissões deveriam ser criteriosamente seleccionadas.

Em Portugal, porém, o publico em geral amador de espectaculos liricos preocupa-se sómente em ouvir especialmente o «cantor», sem se importar com o «ensemble» nem com a partitura, quando justamente o valor de uma execução de uma obra lirica, na nossa opinião, encontra-se no seu conjunto, e não simplesmente na interpretação de uma simples romanza, e quando esse mesmo conjunto é harmonico e homogeneo, o espectaculo lirico torna-se sublime e superior a todas as demais demonstrações artisticas feitas em palcos, e de resto o seu poder de sedução tem sido tal, que ultimamente até se nota uma intensificação pela cultura lirica, pois as proprias empresas de filmagem recorrem, como é notorio, aos belos efeitos de uma cena lirica, interpretada por cantores escolhidos, a fim de lograrem melhor aceitação do publico.

Quanto á organização de elementos que possam levar a efeito a exibição de espectaculos liricos dignos do nosso primeiro teatro, como a nosso vêr não dispômos ainda de recursos que habilitem á interpretação cabal de muitas obras liricas, a orientação a seguir deve ser de começo a exibição de operas que não exijam grandes encenações ou grandes responsabilidades vocais; e, como «devagar se vai ao longe», torna-se merecedora da nossa maior simpatia a feliz idéa do maestro dr. Ivo Cruz, bem digna de auxilio do Estado e do carinho do publico amador, de levar á cena, com elementos nacionais, rigorosamente disciplinados e ensaiados principalmente, uma pequena serie de espectaculos liricos de camara, de que estamos convencidos o mesmo maestro conseguirá, com a mesma persistencia e competencia, como ainda ha pouco demonstrou com a execução do «Requiem» de Berlioz.

Conseguido uma vez esse conjunto, que não envergonhe as gloriosas tradições de S. Carlos, e coadjuvado por outros elementos nacionais devidamente educados, e até, provavelmente, de cantores italianos que se não podem dispensar, dever-se-ia em seguida trabalhar no sentido de fazer-se a «reprise» da «Serrana», de Alfredo Keil, e «Amor de Perdição», de João Arroio, e tornar conhecida a opera inédita ainda deste ultimo compositor «Leonor Teles», que julgo serem as melhores obras liricas portuguesas dignas de figurarem no repertorio de um teatro lirico.

VITOR A. AMANCIO

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

UMA PECHA NACIONAL

O CAVALHEIRO INEVITAVEL

que diz mal de tudo e de todos

Esperamos sempre o inevitavel em todos os factos da Vida—tanto o inevitavel feliz como o inevitavel desgosto!

E' o inevitavel dia de anos para dar pretexto ao classico parabens; é o inevitavel casamento, inevitavel acto de todos os homens; é o inevitavel 11 de Novembro a comemorar um armisticio que se não deu; é o inevitavel ruido dos aparelhos de T. S. F. a metraquearem-nos os ouvidos com o «Poema», a «Carioca», a «Continental», etc.; é o inevitavel fado nas tabernas, nos bars, nos teatros, nas reuniões de familia; enfim, uma série interminavel de inevitaveis!

E' uma palavra medonha e de consequencias horriveis, não lhes parece?

Pois bem: a mim, a par de muitos outros inevitaveis, apareceu-me pela porta um outro de se lhe tirar o chapeu: um meu amigo, desses amigos tambem inevitaveis, apresentou-me um cavalheiro a quem tive de atender inevitavelmente, não fôsse ele julgar-me mal educado, quando preso tanto a chamada «linha»...

E começou aqui o sarilho.

Os termos da praxe:—Muito prazer em conhecer V. Ex.ª, disse ele, etc. Francamente o prazer não era meu, creiam! Esse cavalheiro que o meu inevitavel amigo teve o inevitavel mau gosto de me apresentar, causou-me uma inevitavel impressão de tedio!

De estatura meã, robusto, de modos enfatuados, monóculo no olho esquerdo a atestar o seu inevitavel snobismo, de gestos teatrais e com voz de tenor medíocre, cheio de pretensões, o referido cavalheiro fitou-me com altivez, ao mesmo tempo que um encolher de ombros e um trejeito de labios, como sinal de superioridade, vinha a modos como que um desafio.

Olhei o cavaleiro e com este temperamento impulsivo não me contive e exclamei:

—O cavaleiro, pelos vistos, é decerto uma figura de destaque em qualquer academia de amadores de Teatro? Não? Então é, com certeza, presidente de algum grupo de chinquilho, não é verdade?

Este «tipo» é bem a estampa mais fiel desses rebuscadores de atitudes, perfeitos «macacos de imitação», dos quais devemos fugir a sete pés, não vão eles convencer-nos da sua «sapiencia» e da nossa estupidez.

Ele, julgando atingir-me e botando logo figura de imitador:

—E o *meu amigo* é jornalista?

—Eu? Por amor de Deus! Rabisco umas mal alinhavadas linhas que a muita bondade do director do «Diario de Lisboa» permite publicar e nada mais! Não tenho estofo para tanto, nem tampouco desço ao ponto de apregoar o meu talento—que aliás não tenho—botando figura de *inteligente*, compreende?

—Quere dizer—retorquiu o inevitavel intruso—o *meu amigo* prostitui o Espirito como as mulheres prostituem o corpo, ofertando a seiva sã do seu valor mental a todos os peralvilhos dos cafés e das avenidas da cidade, que gastam três tostões na compra dum jornal para o lerem mal e raciocinarem pior?

«Devia, portanto, *meu caro*, estar sujeito ás mesmas leis que reprimem a prostituição publica! Como as mulheres que se entregam a qualquer, a trôco duns miseros cobres, assim você a trôco duns miseros escudos, prostitui o espirito!

«Ah! tambem devia haver uma politica sanitaria para os vendilhões de idéas, como existe para as prostitutas, vendedeiras de falso amor!

Uf! Tudo isto dito 'uma assentada, deixou-me atordoado. Confesso, no entanto, que em certas palavras havia um fundosito de verdade, a corroborar o pensamento de Eça—«sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia»!

O que, porém, nunca por nunca, admitiria é que um intruso viesse ofender uma classe nobre, exuberantemente sacrificada ás exigencias do publico, sacrificada na luta de idéas e de principios, fruto da epoca de incertezas em que nos debatemos!

E acabei por concordar, tambem, que tudo aquilo teria sido estudado em casa, defronte do espelho, compondo as expressões mais adequadas ao seu rosto obliquo e decorando as palavras, como eu decorava em criança os nomes das serras e das cidades de Portugal, para as dizer depois aos professores, de fio a pavio.

Ia responder a esse inevitavel cavalheiro, mas ele com uma sem-cerimonia irritante, julgando talvez convencer-me com todo aquele berreiro, continuou:

—O *meu caro* não imagina—e depois permitia-se tratar-me com a maior familiariedade!—as obras maravilhosas que tenho produzido! Tudo quanto tenho escrito e que, religiosamente guardo, daria trabalho a um editor durante talvez meio ano! No entanto... publiquei sómente uma meia duzia de sonetos. Quere ver?—E á viva força tive que escutar a leitura das suas «obras primas»!

—Percebi a intenção! Deixei—que remedio!—que esse cavalheiro, mais uma vez, com uma verbosidade de actor de feira, terminasse o seu infeliz arrazoado pretencioso para lhe dar depois as boas-tardes, mas ele, impertinente como todos os da sua especie, puxou-me tão violentamente pelo casaco que perdi o equilibrio e se me não segurasse a um candeeiro caía sem remissão! E como estão a ver, tive que ouvir, ainda mais uma vez, todo um desfiar de disparates que o seu maravilhoso cerebro distilava!

Mas em dado momento irritei-me a tal ponto—quando me irrito sou medonho!—que exclamei:

—Oiça cá: que pudor mental é esse que diz tão acentuadamente firme, que permite a publicação de meia duzia de sonetos, sem beleza, embora bem metrificados, mas sem uma idéa que possua alguns conceitos elevados?

«Ora adeus, meu ilustre cavalheiro!

O tipo, embatucado, enguliu em seco e não desembuchou.

Eu aproveitei a deixa e toca de apontar a espingarda das minhas palavras:

—Oiça cá:—Você sabe o que é batalhar desinteressadamente, por amor de uma cousa nobilissima? Sabe o prazer verdadeiramente espiritual que nos causa a defesa dum ideal? Procurar defender os fracos do dominio dos fortes; procurar destruir o egoismo e á maldade; procurar destruir os erros e cimentar nova vida, tudo isto com amor, com verdadeiro sacrificio, não é vaidade, não é prostituição, é elevação, é grandeza!

«Arrancar da miseria os infelizes, dar comida e albergue aos famintos e hospital aos doentes, é prostituição *sr. bestial poeta?* Desenvolver as artes é prostituição? Dar trabalho aos desempregados, é prostituição, defensor da *mentalidade nova?*

«Ora adeus!

«Tudo isto se tem conseguido mercê da colaboração persistente, sincera, dos jornalistas, dos esforços incansaveis de centenas, milhares, milhões de jornalistas que lutam por causas nobres!

O «tipo» humilhado, tendo já arrancado o monóculo impertinente, ouvia o brotar das minhas palavras em catadupas, sem, tugir nem mugir!

—Meu ilustre cavalheiro—continuei—sabe até que ponto chega muitas vezes, o sacrificio desses homens a quem chamamos jornalistas?

«Sabe as dificuldades com que lutam para arrancar da miseria os desgraçados, arrancar á rigidez da justiça os inocentes ou meter na cadeia os malfeitores?

«Sabe os martirios por que passam para combater todos os vicios, desvendar os crimes, descobrir os criminosos e fazer brotar a luz em redor das trevas?

«Ora adeus!

Sabem o que fez o cavalheiro? Fugiu a sete pés e nunca mais o vi!

Soube, no entanto, ha dias, que esse desgraçado não é má pessoa. Sofre da doença cronica de quasi todos os portugueses:—dizer mal de tudo e de todos!

MANUEL MARQUES GASTÃO

ENTREVISTA OPORTUNA

O papel de Portugal

no campo da investigação cientifica

O sr. dr. Mendes Correia, professor da Universidade do Porto, director do Instituto de Antropologia e actual presidente da Camara Municipal da mesma cidade, é uma figura de grande prestigio e renome não só em Portugal como tambem e principalmente no estrangeiro, onde os seus trabalhos de caracter cientifico têm despertado o mais vivo interesse.

A fim de ouvirmos o ilustre professor sobre o papel de Portugal no campo da investigação cientifica, dirigimo-nos á Sociedade de Geografia, depois de sabermos que S. Ex.ª se encontrava em Lisboa, onde acabava de realizar mais uma das suas notaveis conferencias. Démos inicio á entrevista, inquirindo:

—Que tem feito Portugal no campo da investigação cientifica?...

—Muito e nada—responde-nos o nosso entrevistado, prontamente.

E prosseguindo, esclarece:

—Muito, nos tempos aureos da epopeia descobridora de novos mundos e tambem modernamente, quanto a uma ou outra iniciativa isolada, e se atendermos á escassez dos nossos recursos materiais e ás imperfeições do nosso regime educativo. Nada, quando pensamos nas responsabilidades que o passado e o presente nos impõem, como Nação culta e portadora duma missão historica, e compararmos a extensão dos nossos deveres e o labor intenso de outros paises com o silencio comodista e inerte da maior parte dos nossos estabelecimentos cientificos.

—Existindo um organismo do Estado—a antiga Junta de Educação Nacional, agora Instituto para a Alta Cultura—que tem por objectivo principal fomentar a investigação cientifica, como encara V. Ex.ª a acção do referido organismo?

—Com a derradeira esperança dum revigoramento sério da actividade cientifica em Portugal. A despeito da escassez de meios materiais e da incompreensão quasi geral do seu papel e dos seus esforços, a Junta conseguiu estimular em poucos anos muitas pesquizas e muitos investigadores; levou o nome português a centros estrangeiros onde ele não ecoava ainda, conseguindo, finalmente, despertar iniciativas meritorias que sem a sua acção não surgiriam.

—Em materia de investigação cientifica, que se tem feito pelo Instituto de Antropologia da Universidade do Porto?

—O Instituto de Antropologia a que se refere, levou uma existencia materialmente dificil até que a antiga J. E. N. começou a dispensar-lhe e aos seus colaboradores alguns auxilios, sem duvida modestos, mas apreciaveis perante as suas possibilidades. Na miseria em que geralmente vivem estes Institutos, eles não são imodestos, mas simplesmente verdadeiros, proclamando a «heroicidade» dos seus esforços.

—E em que tem consistido a colaboração do Instituto que V. Ex.ª dirige com o Instituto para a Alta Cultura?

—A antiga J. E. N.—hoje I. A. C.—permitiu ao Instituto de Antropologia da Universidade do Porto ampliar a sua aparelhagem, algumas das suas investigações, (sobretudo escavações arqueologicas) e as suas publicações. Mas os seus recursos são muito precarios ainda para a extensão do programa que os dois organismos teriam o desejo de realizar, quer no dominio da investigação cientifica, quer em dominios de estudo de imediato e capital interesse no que respeita á vitalidade fisica e moral da população portuguesa da metropole e das colonias.

«Quanto á colaboração do Instituto de Antropologia com o referido organismo, decerto ela tem existido por intermedio de membros seus que fazem parte do I. A. C., correspondendo com o seu trabalho ao auxilio que o mesmo organismo lhe tem prestado com uma confiança que julgo não ter sido nunca imerecida.

—Quais os ensinamentos e resultados praticos obtidos com a realização do ultimo Congresso de Antropologia, efectuado no Porto, quando da Exposição Colonial Portuguesa?

—O Congresso foi um acontecimento cientifico importante, conforme o testemunharam já as noticias que dele deram as revistas estrangeiras da especialidade. Mas foi tambem um acontecimento de transcendencia nacional porque mostrou ao estrangeiro que os portugueses se interessam pelas populações das suas colonias e contam com elas para a valorização dos seus dominios. Poude verificar-se nesse Congresso o que se tem feito e o que ha a fazer relativamente áquela ordem de estudos.

—A investigação cientifica nas nossas colonias...—arriscámos.

—Exacto—diz-nos o professor Mendes Correia, enquanto nós insistimos.

—E que seria preciso fazer para intensificar a investigação cientifica nos nossos dominios de além-mar?

—Pôr dois ou três mil contos, anualmente, á disposição duma comissão de «verdadeiros investigadores», para que esta comissão organize as missões e os trabalhos necessarios, escolhendo as bases metropolitanas e os componentes para essas expedições, designando o plano e ordem de trabalhos de acôrdo com as possibilidades e com as necessidades dos varios ramos de estudo e das diferentes regiões ultramarinas, em cooperação com as instituições e elementos existentes nas colonias, etc. O actual Instituto para a Alta Cultura apresentara ha tempos uma representação ao Governo, a tal respeito. Por outro lado a criação da nova Junta de Investigações Cientificas Coloniais oferece já boas perspectivas, desde que seja devidamente dotada. Estas coisas não se fazem sem recursos. A dedicação de alguns investigadores chega ao maximo, mas não basta. E não se pode dizer a ninguem que deixe o país, a sua comodidade, as suas ocupações habituais, a sua familia, e até as garantias de saude e bem estar que tem na metropole, para ir para longe lançar-se numa empresa tantas vezes ardua e perigosa, sacrificando as suas energias e os seus recursos financeiros pessoais a um esforço cuja utilidade não é, sequer, devidamente apreciada.

—Em resumo: qual a nossa posição relativamente ao estrangeiro?

—Desairosa na maior parte dos dominios cientifios relativos ás nossas colonias. Ha compartimentos de estudos destas que temos deixado quasi exclusivamente nas mãos de estrangeiros.

—Propriamente em Portugal...

—Ha algumas investigações nacionais que nos salvam da completa vergonha, mas, em geral, falta-lhes a amplitude e a continuidade que deviam ter. Esperemos, no entanto, que a desoladora situação se modifique em breve, para honra nossa. Tenho esperanças no resultado da colaboração da Junta das Missões Coloniais com o Instituto para a Alta Cultura.

—Somos a terceira potencia colonial do mundo! E sendo assim, qual seria a posição de Portugal no estrangeiro, se enveredasse a serio pela investigação cientifica nas suas colonias?

—A unica defesa viavel perante as ameaças á integridade do nosso vasto Imperio Colonial, reside na valorização deste por nossa exclusiva iniciativa. Ora não é possivel essa valorização sem uma previa ocupação cientifica, que não é menos importante do que a propria ocupação politica, administrativa e militar, já efectuada. As ambições estrangeiras poderão não se impressionar com os nossos direitos historicos ou com a nossa resistencia no campo diplomatico e até pela força. Mas, se fizermos, metodicamente, das nossas colonias o que elas podem e devem ser, essas ambições não poderão invocar nunca o argumento da nossa incapacidade e das nossas deficiencias. Confio em que elas se deterão perante realidades presentes mais efectivas e impressionantes do que todos os nossos pergaminhos historicos!

Estava terminada a entrevista.

ADÃO DE FIGUEIREDO

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Maria da Madre de Deus de São Paio Meleiro de Sousa, D. Maria Braamcamp de Mancelos, D. Maria de Azevedo Coutinho da Costa Macedo, D. Mariana de Melo Vaz de Sampaio, D. Eugenia Judice Pargana de Bastos Folque, D. Aldegundes de Mendóça Zileri Dal Verme, D. Maria do Carmo Calvet de Magalhães Taveira Pinto, D. Maria do Amparo da Gama Reis Pereira, D. Fernanda Pires Galveas Mendes e D. Amelia Hausen.

CASAMENTOS

Realizou-se o casamento da sr.ª D. Alda Frazão Caetano, gentil filha da sr.ª D. Joaquina dos Anjos Frazão, já falecida, e do sr. Manuel Caetano, com o sr. José Ferreira da Mata Junior, funcionario da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, filho da sr.ª D. Maria Marques, já falecida, e do sr. José Ferreira Mata, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria Frazão Carreira, irmã da noiva, e D. Alice Marques, cunhada do noivo, e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo, sr. Carlos Marques.

Finda a cerimonia, que revestiu o caracter da maior intimidade, foi servido um finissimo lanche, partindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de valiosas prendas, para Abrantes, onde foram passar a lua de mel.

NA COSTA DO SOL

No Tamariz

Assistencia elegante ás ultimas provas das regatas internacionais que ontem se realizaram na Costa do Sol:

Condessa de Pinhel, condessa de Farrobo, condessa de Castelo Mendo (D. Rita), D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Felizmina de Sousa de Eiró, D. Maria Ferreira Martins, D. Ida Xavier de Brito Barata e filha, D. Eliza Barroso Gomes, D. Maria Cristina Delgado Olavo, D. Maria Ernestina Soares de Albergaria Nunes de Carvalho, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Guilhermina Marinho da Cruz e filha, D. Felizmina Canas Cardim, D. Alice Carneiro de Mendonça Corte Real, D. Maria Sousa Lara, D. Maria Luiza Bramão Reis do Carmo e Cunha e filha, D. Maria Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Sofia de Campos Henriques de Almeida Costa, D. Margarida Borges de Sousa Ferreira, D. Maria Amelia Borges de Sousa Estacio, D. Ilda dos Santos Cunha e filhas, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, senhora de Auziello e filha, D. Ademina Diniz de Almeida, D. Maria da Conceição de Freitas Salgado, D. Lina de Andrade, D. Maria Antonia de Sousa Pires Rebelo, D. Maria Antonia Sobral Cid Rebelo, D. Berta Goulart de Sousa Caldas Forte, D. Maria Gabriela Goulart de Sousa Caldas Forte e filha, D. Eliza de Campos Henriques de Almeida do Rosario, D. Berta Pinto Bastos, D. Simy Cohen Zagury Casés, D. Maria José de Sousa Viegas, D. Maria da Nazaré Gorjão Henriques de Freitas, D. Enid Margherite Walters Raoul Duval, senhora de Vitor Cordier e filha, D. Margarida Lot, D. Palmira Maldonado Fuschini, D. Elvira Bastos Vicente Ribeiro, D. Maria da Assunção Pinheiro Chagas Taquenho, D. Tereza Sandoval Ximenes Teles, D. Gabriela Ramires dos Reis e filha, D. Berta Belmar da Costa, D. Eugenia e D. Sara da Costa Cardoso, D. Gracinda dos Anjos de Castro Araujo, D. Maria Luiza de Melo e Castro Trigoso, D. Belarmina Santos, D. Maria Emilia da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Maria Flora, D. Maria Amelia e D. Maria Luiza Mateus dos Santos, D. Maria Antonia de Barahona, D. Irene de Mercier, D. Maria Emilia Pinto, etc.

Não são só os comboios mas tambem as caminhetas

que a C. P. põe á sua disposição entre Lisboa e Evora

A carreira de caminhetas serve, além de outras localidades, Atalaia, Pegões, Vendas Novas e Montemor-o-Novo. 4 horas de percurso.

Partidas de Lisboa (T. do Paço) 9,20 e 18,25
Partidas de Evora . . . . 6,50 e 14,50

Bilhetes a venda na estação do Terreiro do Paço, e em Evora, no Despacho Central, Rua 5 de Outubro, 41.

Informações: nas estações, no Despacho Central de Evora ou no Serviço do Trafego da C. P. Telef. 2 4031.

CURIA

Hipertensão arterial, diabetes artritica, albuminurias

Acção notavel sobre o aparelho urinario

Aberta de 1 de Junho a 15 de Outubro.

Peças legitimas

PARA CAMIONS E AUTOMOVEIS, PARA CHEVR[illegible]T, OPEL E BLITZ—VELAS LODGE.

Sociedade Fomento Comercial L.da

RUA DA BETESGA, 57, 1.º

TELEFONE 2 1865

DR. ALBINO PACHECO

Estomago, figado, intestinos, neurastenia, etc.

Curas pela hormonoterapia

R. NOVA DA TRINDADE, 9

Os Automobilistas

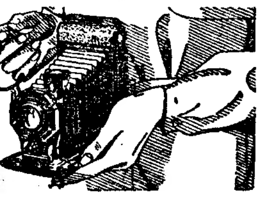
encontrarão as peças para os seus carros na casa

Alves & Carrasqueiro, L.da

R. Alves Correia, 47

Tel. 2 0189

3$50 - 6$00 - 9$00



E' o preço das prestações semanais do concurso da maquina KODAK, com bonus pela lotaria, aberto na casa GOMES & RODRIGUES, L.da no L. de D. ESTEFANIA, 17 a 21. Tel. 4 1147

No acto da inscrição poderá possuir a maquina escolhida.

PARTEIRA

Especialisada

Basilisa Pedrosa

Partos e tratamentos. Consultas gratis.

R. Augusta, 275, 4.º

9 HP

é a força dum

5$00

Semanais, todos podem adquirir **Relogios de todas as marcas**, joias e objectos de ouro e pratas, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, **com Bonus em todas as lotarias prazo de pagamento 30 semanas**, podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação **somente por 5$00. F. de Sousa Torroais**, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 26508.

Dr.ª Sara Benoliel

Directora da Creche do «Auxilio Maternal» dos Hospitais Civis — Assistente da Cadeira de Pediatria da Faculdade de Medicina

Doenças das crianças

Consultorio e Residencia

Rua do Salitre, 161 — Tel. 4 2496

Retomou a clinica

Quem aprecia um bom cigarro só com papel ZIG-ZAG.

Havaneza Chiado — LISBOA.

CARTAZ

TEATROS

Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 22 e 45 «Feira de Agosto».

CINEMAS

Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.
Pavilhão Português—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Capitolio—A's 21.
Condes—A's 21 e 15.
Palacio—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Paris.—A's 21 e 15.
Royal-Cine—A's 21 e 30.

CORTE E COSTURA

Os cursos mais antigos, onde o seu aproveitamento é testemunhado por todas as antigas alunas que os frequentaram são os da Praça do Brasil, 48, 3.º — Telefone 4 7340.

Férias de 15 dias todos as podem ter

Chegou a época de nos refazermos das canseiras da vida. No campo, na praia, talvez nas aguas...

O caso de cada um resolve-se, adquirindo um «bilhete de banhos» e fugindo da cidade.

Validade: minima, 15 dias; Maxima, 3 meses

Alguns exemplos:

Lisboa-Granja e volta,	1.ª classe 180$50;	crianças	90$30
Lisboa-Luso	2.ª	97$40;	48$75
Lisboa-Ovar	3.ª	77$70;	38$85

As estações de caminho de ferro e, em Lisboa, o Serviço de Trafego da C. P. (Telef. 24031) dão esclarecimentos.

COLARES

O AUTENTICO, de uvas da casta RAMISCO e chão de areia, vinificado, envelhecido, engarrafado e selado com as marcas de garantia na

ADEGA REGIONAL DE COLARES

VINHO DE COLARES *Tinto e Branco da colheita de* **1933**

em garrafas, 1/2 garrafas e garrafões de 5, 10 e 20 litros

Expedições para todos os pontos do Paiz, Colónias e Estrangeiro.

Distribuição aos domicilios em Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

PEDIDOS A

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE

NEC TEMERE NEC TIMIDE

FORNECEDORA DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA DE PORTUGAL

Filial em Lisboa — Rua do Alecrim, 119 — Telefone 22556.

Depósito no Porto — R. de Entreparedes, 48 — Telefone 440.

Pedidos no Estoril — Telefone 282, Estoril.

= Peçam hoje mesmo uma Tabela de preços correntes =

A. C. P.

comunica que o

XX EXPRESSO POPULAR

vai de Lisboa a Montemór, domingo, 6 de setembro.

Ida e volta... 15$00

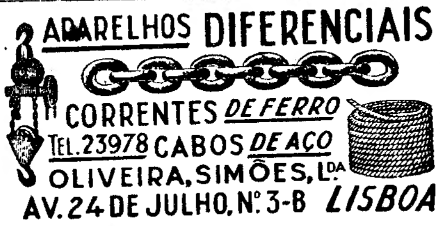
Horario: Partida da ponte do Terreiro do Paço ás 7 horas. Chegada a Montemór, 9 e 33; partida ás 23; chegada ao Terreiro do Paço, 1 e 30.

Bilhetes á venda na estação do Terreiro do Paço e no Escritorio de Informações da estação do Rossio.

Esclarecimentos pelo telefone 2 4031 —Serviço do Trafego—Santa Apolonia.

LEIAM

sempre fixe



FRIGORIFICOS

a prestações

— CID & DINIZ, L.DA —

8 — R. do Mundo — 10

Telef. 2 3658

Quere a sorte grande? Habilite-se na Tabacaria MADRID

Rua do Mundo, 115

De Norte a Sul do País, em tôdas as boas espingardarias, podereis encontrar as pólvoras sem fumo da **IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Ltd., de Londres**, as pólvoras tècnicamente mais perfeitas e as preferidas pelo caçador exigente.

Seis tipos diferentes:

AMBERITE
SCHULTZE
DIAMOND
EMPIRE
BALLISTITE
NEOFLAK

Pólvora ICI

Cada um o ideal para o seu género de tiro. Informe-se junto do seu espingardeiro que lhes poderá fornecer em latas de libra ou 1/2 libra de pêso.

Agentes Gerais

LIMA MAYER & C.ª

Rua da Prata, 59, 1.º

LISBOA

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 26195

Dr. Armando Narciso—Medicina, Coração e pulmões—5 h.
Dr. Bernardo Vilar—Cirurgia Geral, operações—5 h.
Dr. Miguel de Magalhães—Rins e vias urinarias—12 ás 14 h.
Dr. Correia de Figueiredo—Pele e sifilis—5 h.
Dr. Loff—Doenças nervosas, electroterapia—2 h.
Dr. Mario de Matos—Doenças dos olhos—2 h.
Dr. Mendes Bello—Estomago, figado e intestinos, 3 h.
Dr. Silva Nunes—Doenças das crianças—5 e 30.
Dr. Casimiro Afonso—Doenças das senhoras, operações—2 h.
Dr. Francisco Calheiros—Garganta, nariz e ouvidos—4 h.
Dr. A. Carvalho Dias—Nutrição e impaludismo—4 h.
Dr. Armando Lima—Bôca e dentes, protese—12 h.
Dr. Aleu Saldanha—Raio X—4 h.

ANALISES CLINICAS

MOBILIAS

VENDAS A PRESTAÇÕES

EM TODOS OS ESTILOS

PAPEIS PINTADOS

ARMAZEM DE MOVEIS DO CALHARIZ

Paixão, Carvalho, Lda.

L. do Calhariz, 27